3 1761 07136131 5

PQ
9261
A687C6

UM
CONTO AO SERÃO

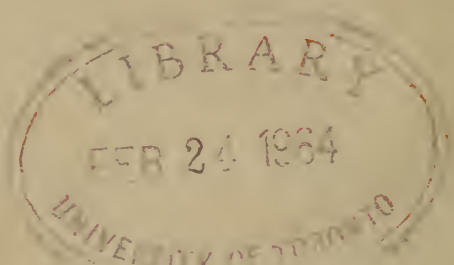
COMEDIA EM 3 ACTOS.

POR

João de Andrade Corvo.

LISBOA
TYPOGRAPHIA DA REVISTA POPULAR.
1852.

PQ
9261
A687C6



883164

UM CONTO AO SERÃO

COMEDIA EM 3 ACTOS.

PESSOAS DA COMEDIA.

D. JOÃO V.
O MARQUEZ DE CAZELLAS.
O CAMÕES.
DIOGO DE MENDONÇA.
D. MARIA D'ALMADA, irmã do Marquez.
D. CLARA DE NORONHA, sobrinha do Camões.
SOROR JOANNA.
A RODEIRA DO CONVENTO.
UM CAMARISTA.
UM CRIADO.
PENSIONISTAS.

172...

A scena passa-se em Lisboa. — O primeiro acto n'um convento, o segundo no paço, o terceiro em casa do Marquez de Cazellas.

ACTO PRIMEIRO.

A sala de um convento, com portas, á direita para a Igreja, á esquerda para o interior do convento, e ao fundo para a portaria: e dividida ao meio por uma grade. É noute.

SCENA I.

SOROR JOANNA, D. MARIA D'ALMADA, D. CLARA DE NORONHA, *e* PENSIONISTAS *do convento, sentadas a cozer em roda da mesa.*

SOROR JOANNA.

Que vida esta, santo Deus! Nunca me deixam socegada. Sempre historias, sempre contos, sempre brincadeiras; e eu, pobre velha, a atural-as a todas.

D. MARIA.

Ora ande, tia Joanna, conte-nos ainda mais uma historia; e esta noite não se lhe pede mais nada.

JOANNA.

Mal feito fôra: já passa das nove horas. Ha muito que deviam estar deitadas, e a dormir.

D. CLARA.

Não se arrenegue, não se enfade comnosco. As noites estão agora tão quentes, que a gente não póde parar na cama. Ora conte, conte a historia do principe encantado, do principe do Bom-destino, que nos prometteu já hontem.

SOROR JOANNA.

É uma historia como todas as outras, tal qual, sem differença nenhuma.

D. MARIA.

Não importa. São tão bonitas as histo-

rias de encantos e bruxarias, que estamos morrendo por ouvir essa.

SOROR JOANNA.

Vá lá, vá. Não ha remedio senão atural-as em desconto dos meus peccados.

D. CLARA.

Calem-se todas; e vamos ao conto.

SOROR JOANNA.

Anda tu aqui para ao pé de mim, minha Clarasinha, que és a que mais gostas destas historias. *(Clara chega a cadeira para D. Joanna)*. Assim, assim mesmo. Ahi vae o conto.

D. MARIA.

Escutem.

SOROR JOANNA.

Era uma vez uma menina muito bonita e muito discreta, que vivia n'um convento, assim como este nosso, onde todos

a estimavam e queriam, porque ella era um anjo pelo coração, e uma santa, pela muita devoção que tinha a Nossa Senhora. Principes e reis vinham de toda a parte pedil-a em cazamento, mas todos voltavam tristes e sem obter cousa alguma, para as suas terras, porque ella a todos dizia — e o céu lhe inspirava a resposta — que só de Deus havia de ser esposa. Mas não tinha de ser assim, como se vae vêr agora. Um dia que ella passeava só no jardim, deitou os olhos ao campo, e viu passar, montado n'um cavallo branco, um rapaz tão formoso, como nunca olhos tinham visto. Deu-lhe logo uma pancada o coração...

D. CLARA.

Pois não era negro o cavallo?

SOROR JOANNA.

Não, era branco: o conto assim o diz. Outro dia que ella estava rezando no côro, viu do lado direito, encostado á pia d'agua benta, o mesmo rapaz, que ainda lhe pareceu mais bello do que da primeira vez.

D. CLARA.

Era da esquerda, e não da direita.

SOROR JOANNA.

Eu sei muito bem a minha historia... não me faça perder o fio ás idéas, senão... callo-me, não continúo.

D. MARIA.

Continue, tia Joanna, continue. E tu, Clara, cal-te. Forte vontade tens hoje de fallar.

SOROR JOANNA.

Como eu ía dizendo, a menina viu o rapaz, e logo o coração, coitadinha! lhe fugiu todo para elle; e até lhe esqueceram as boas e santas idéas que tinha de se metter freira.

D. CLARA.

E foi assim mesmo, foi.

D. MARIA.

Então, Clara!

D. CLARA.

Calo-me já, perdôa.

SOROR JOANNA.

Esteve depois muitos dias sem o vêr; e a boa menina sentia tantas saudades a pungir-lhe n'alma, chorava tantas lagrimas, que todos diziam no convento, que lhe tinham dado quebranto. Outra tarde porém, que ella passeava só no mesmo sitio do jardim, donde víra passar pela primeira vez o gentil cavalleiro, já quasi ao anoitecer, viu uns homens saírem de traz das arvores, com as caras cobertas. Quiz fugir, mas não teve tempo. Agarraram-na, e, abrindo uma porta que deitava para o campo, levaram-na roubada...

D. CLARA. *(Com enthusiasmo).*

Roubada! Que boa deve ser essa desgraça.

D. MARIA. *(Rindo).*

Pensas?

SOROR JOANNA.

Como! Pois não é uma terrivel desventura?

D. CLARA. *(Com candura).*

Ai, não. O homem, que assim a levou roubada, era o que ella amava; um lindo rapaz, como diz o conto. *(As pensionistas dão uma gargalhada).*

SOROR JOANNA.

Que idéas que tem, menina! Não lhe torno a contar mais historias. Nossa Senhora a aconselhe melhor.

D. MARIA.

Já agora acabe este conto, tia Joanna, e deixe Clara dizer o que lhe vem á cabeça, que ás vezes, aqui para nós, não deixa de ser acertado. As raparigas gostam de cousas extraordinarias, fóra do commum. *(Vol-*

tando-se para as pensionistas). Não é assim?

TODAS.

É, é.

SOROR JOANNA.

Ai, que estão todas perdidas! Jesus Maria, como tudo vae mudado! As raparigas do meu tempo nunca diziam destas cousas assim.

D. MARIA.

Nem as pensavam?

SOROR JOANNA.

Isso é outra cousa. Pensar n'um santo abbade, rezar por um fidalgo devoto, escutar á grade uma boa gloza, um *acrostico* sublime, uma *silva* terna, ou um soneto conceituoso... como este que um dia o... o meu confessor — frade muito sabido e bem fallante — me fez a estes olhos, que vêem já sem brilho, sem fulgôr, mas que foram... — Santa Maria Magdalena me tire da lembrança estas vaidades! — Tudo isto

não são peccados... O soneto dizia assim:

Do sol visivo, eliptica animada
A pestana de visos se guarnece;
Com sensiveis acções ou sobe ou desce:
Traz a especie em seus pólos regulada.

D. MARIA. *(Declamando).*

Aqui deste planeta a luz dourada...

D. CLARA.

O soneto é lindo, mas nós já o ouvimos um cento de vezes.

SOROR JOANNA.

Vocês são todas umas tôlas, que não sabem dar valor ás bellezas da poesia... Ai, não eram assim as raparigas do meu tempo! *(Levanta-se.)*

D. MARIA.

Eu cá não disse nada, tia Joanna, não disse. Estava a escutar muito attenta para vêr... para saber o que uma rapariga póde fazer sem ser peccado.

D. CLARA.

Não se vá assim tia Joanna; acabe o conto já agora. (*Todas cercam Soror Joanna*).

SOROR JOANNA.

Ora! o resto não vale a pena de se contar. Já é tarde para historias...

D. CLARA.

Conte de pressa...

SOROR JOANNA.

O cavallo em que ía o rapaz, que levava furtada a virgem do convento, parecia que tinha azas; não corria, voava. Ao cabo de

muito tempo parou; e a pobre menina achou-se só no meio de um jardim deserto. Já era noite cerrada, e ella coitadinha! com muito mêdo, chegou-se para uma fonte que ahi corria, e poz-se a chorar, a chorar muito. No fundo da rocha para onde a agua corria, appareceu de repente uma luz tão pura e limpida, como se fôra o reflexo de um diamante. A luz foi crescendo, crescendo até se tornar n'uma fada, formosa como o são as fadas, ligeira e engraçada como uma borboleta. Estava sentada n'um throno de pérola; a sua corôa era uma safira, o seu sceptro uma palheta de oiro fino; cobria-a um docél feito de uma só folha de rosa, que sustinham prateadas têas de aranha, em vez de cordões de sêda.

D. MARIA.

Quem me déra vêr essa fada...

SOROR JOANNA.

E ser fadada por ella, como o foi a menina de que resa a nossa historia. — Não

chores, lhe disse a fada, não chores formosa donzella, que a tua vida é fadada para a ventura: o amor é a tua estrella, o teu futuro é matisado de flores. Vae; bate á porta daquelle palacio, que lá te esperam os encantamentos que para ti só dispoz o meu immenso poder. — A fada sumiu-se nas aguas, e a menina, já menos triste, foi bater á porta do palacio. Um dragão verde lh'a abriu, que se lhe deitou aos pés; um passarinho com as penas côr de rubi a conduziu por salas atapetadas de jasmins, e forradas de aljoferes e pedraria.

D. CLARA.

Que conto este tão bonito! — Vale mais que mil sonetos conceituosos.

SOROR JOANNA.

Que diz menina? — Isto é um conto de creanças, um conto que só tem graça para a gente simples. Por mim de certo que o não contára, senão fosse para lhes dar gosto, e para que me deixassem descançada.

— Caminharam muito tempo, muito tempo o passarinho e a menina pelo palacio dentro, até que por fim chegaram a uma sala, cavada n'uma cpála, no meio da qual corria uma fonte de diamantes; chegaram-se á fonte encantada, e ahi áppareceu de novo a fada, mais formosa que da primeira vez, mais ricamente adornada. Bateu tres vezes no chão com o seu sceptrosinho de oiro, e do chão saíu um rapaz tão formoso como um anjo, tão soberbo como um rei. Era o que a menina tinha visto por duas vezes no convento, era o principe do Bom-destino. O que a fada tinha promettido na fonte do jardim, cumpriu-se logo alli: os dois amantes casaram entre festas e folguedos. Aquella que tinha recusado a sua mão a principes e a reis, para ser a esposa de Deus, tornou-se, pelo poder da fada da fonte, a princeza do Bom-destino. — Deus lhe perdôe de ter assim esquecido as santas promessas que fizera.

D. CLARA.

Oh! que bonito conto! Melhor nunca o eu ouvi.

D. MARIA.

Nunca no-lo tinha contado.

UMA PENSIONISTA.

É novo este.

D. CLARA.

Sabia uma historia tão linda, tia Joanna, e estava callada com ella!

SOROR JOANNA.

Tinha-me esquecido... são tantas!

D. CLARA.

Quem me dera ser como a menina desta historia... ir a um palacio encantado!

D. MARIA.

Pois querias?.... (*Rindo*). Não tinhas mêdo?

D. CLARA.

Mêdo de quê?

SOROR JOANNA.

Da fada.

UMA PENSIONISTA.

Do dragão verde.

OUTRA PENSIONISTA.

Do rapaz.

D. CLARA.

De nada; não tinha mêdo de nada.

SOROR JOANNA.

Santo nome de Deus...! Pois a menina queria ser furtada? Querias que te levassem do nosso convento, Clara?

D. CLARA.

Não... não sei... se fosse... Tia Joan-

na, minha rica tia, conte, conte-nos mais uma historia...

SOROR JOANNA.

Ora deixem-se disso...

D. CLARA.

Fico sendo mais sua amiga.

SOROR JOANNA.

Qual! Não conto mais. Vamos! Tudo para o dormitorio: e é dormir, que ámanhã é domingo, e hão de levantar-se sêdo para a missa.

UMA PENSIONISTA.

Mas...

SOROR JOANNA.

É sentença que se não revoga, esta minha.

AS PENSIONISTAS. (*Brincando*).

Vamos, vamos.

D. CLARA. (*Baixo a D. Maria*).

Fica tu por um instante que te quero fallar, sem que nos ouçam. (*Sáem todas, menos D. Clara e D. Maria.*)

SCENA II.

D. CLARA, *e* D. MARIA.

D. CLARA.

Não sabes, Maria?

D. MARIA.

Não. O que é?

D. CLARA.

Esta historia...

D. MARIA.

Sim.

D. CLARA.

Que acabas de ouvir...

D. MARIA.

Diz.

D. CLARA.

Que contou a tia Joanna...

D. MARIA.

Acaba com isso.

D. CLARA.

Espera... que... Em fim não ha remedio senão dizer-te.

D. MARIA.

Então diz.

D. CLARA.

Olha Maria, é a minha historia tal qual.

D. MARIA.

Como! A tua historia?! — Pois tu já estivestes no palacio de alguma fada?

D. CLARA.

Não, isso não.

D. MARIA.

Então já fostes furtada por algum rapaz?

D. CLARA.

Tambem não... mas o resto...

D. MARIA.

Ah! Estás namorada! — Já não queres ser freira?!

D. CLARA.

Freira não quero eu ser: mas namorada?... — Diz-me cá Maria, que cousa é estar namorada?

D. MARIA.

Eu não sei que nunca o estive.

D. CLARA.

Mas tu sabes tanta cousa, tens ido tanta vez á côrte...

D. MARIA.

Tenho; mas lá não se dão lições de namorar.

D. CLARA.

Tu bem me entendes (*Affagando-a*). Minha Mariquinhas não zombes de mim: olha que padeço muito. — Não penso já senão nelle.

D. MARIA.

Nelle quem? — Ainda me não dissestes quem era.

D. CLARA.

Isso é que eu queria que tu me dissesses a mim.

D. MARIA.

E como te hei de eu dizer, se nunca o vi?

D. CLARA.

Escuta-me, mas não escarneças da tua amiga; porque o sou de veras...

D. MARIA.

Eu tambem sou tua amiga.

D. CLARA.

Ouve. — É um rapaz... o mais bello que tenho visto... Ai! elle é nobre por força! — Quem é minha rica Maria, diz-me quem elle é?

D. MARIA.

Já sabes que o não vi nunca.

D. CLARA.

Vistes... havias de vê-lo na côrte.

D. MARIA.

Talvez: mas lá haviam tantos fidalgos moços, e bellos; como tu lhes chamas.

D. CLARA.

O mais nobre, o mais bello!...

D. MARIA.

É difficil dizer qual é. — Olha; o melhor é mostrares-m'o; e então, se eu o conhecer, te direi quem é.

D. CLARA.

Mas quando t'o hei de mostrar! Ainda o não vi senão duas vezes...

D. MARIA.

A primeira?...

D. CLARA.

N'uma tarde, em que Soror Joanna me deixou só no terrasso do convento... passou a cavallo. Tal qual como no conto desta noite.

D. MARIA.

E a outra?...

D. CLARA.

Foi antes de hontem na egreja; quando eu estava a rezar no côro. — Bem vez que t'o não posso mostrar.

D. MARIA. (*Meditando*).

Então... ah!... então... Clara, tu tens animo?

D. CLARA.

Animo, para que?

D. MARIA.

Para o vêr.

D. CLARA.

Ai muito!

D. MARIA.

Mas por meios sobre-naturaes, por esconjuros tambem tens animo?

D. CLARA.

É preciso estar só para fazer todas essas cousas?

D. MARIA.

Não. Se é para que eu o veja; para que te diga quem é... Hei de eu estar comtigo.

D. CLARA.

Estou prompta. Mas quando ha de ser?

D. MARIA.

Esta noite mesmo.

D. CLARA.

Hoje!

D. MARIA.

Hoje: aqui... quando tudo estiver a dormir no convento.

D. CLARA.

E estás certa que elle apparece?

D. MARIA.

Certissima.

D. CLARA.

Se soubessem . . .

D. MARIA.

Não o ha de saber ninguem.

D. CLARA.

Mas as bruxarias são perigosas: talvez que elle soffra . . .

D. MARIA.

Em vir para ao pé de ti ?. . . Não tenhas receio.

D. CLARA.

Não sei o que hei de fazer . . . estou incerta. Tenho desejo de te seguir os conselhos, mas temo . . .

D. MARIA.

Vamos minha querida Clara; animo! — Tudo se ha de passar sem perigo; fia-te em mim. — Quando forem horas, ir-te-hei chamar. — Agora sinto passos. Vamo-nos; que nos não encontrem aqui juntas.

D. CLARA. (*Detendo-a*).

Minha amiga... Maria....

D. MARIA.

Que queres mais?

D. CLARA.

Se elle vier...

D. MARIA.

Já te disse que vem.

D. CLARA.

Não me has de deixar só com elle.

D. MARIA.

Porque?

D. CLARA.

Não sei... não posso dizer... mas. — Prometes?

D. MARIA.

Pois sim prometo. —Vamos depressa que vem gente (*Sáem*)

SCENA III.

O MARQUEZ DE CAZELLAS, E A RODEIRA.
(Entram pela porta do fundo).

RODEIRA.

Jesus da minha alma, que já não ha socego nesta casa! — De noite entrarem homens no convento!... ai, meus peccados!

MARQUEZ.

Socegue, Soror Michaela: teem entrado

muitos homens em conventos... para fallarem ás suas parentas, como eu agora venho fallar a minha irmã.

RODEIRA.

É verdade, o sr. marquez vem fallar a sua irmã; eu bem o conheço. E sua irmã, a sra. D. Maria d'Almada, é uma excellente menina. — Mas podia vir de dia, senhor marquez: e escusava de entrar pela janella da minha cela; entrava pela portaria do convento. — Se fosse no tempo em que eu era moça... santa virgem! que diria de mim a gente má desse mundo!

MARQUEZ.

Não diziam nada. Todos a conhecem; sabem as suas muitas virtudes...

RODEIRA.

Ai! Não sou senão uma pobre mulher peccadora! — E agora mesmo; sabe Deus se o que eu faço, não é um grande peccado!

MARQUEZ.

Não é, sorór Michaela, não é peccado isto. — Abra-me a grade já agora, ande; porque minha irmã não póde tardar ahi.

RODEIRA.

Isso nunca; ora! isso lhe não faço eu, senhor marquez. — Abrir a grade a um homem... a um secular! Nada, nada.

MARQUEZ.

Eu não passo desta casa. É para fallar de mais perto a minha irmã.

RODEIRA.

Já lhe disse que não posso abrir a grade, senhor marquez.

MARQUEZ.

Mas ainda hontem...

RODEIRA.

Hontem!

MARQUEZ.

Pois já se não lembra que eu fallei aqui á noite com minha irmã, e que a grade estava aberta?

RODEIRA.

Meu Deus! Senhor Jesus! Pois isso é verdade? — Ai que estou escommungada!

MARQUEZ.

Foi para fazer bem ao proximo; não está escommungada, não. — Abra a grade, ande, que já ahi vem minha irmã.

RODEIRA (*Abrindo a grade*).

É verdade, sr. marquez: tem razão v. ex., vae-se fazendo tarde. E a mim que me esquecia! É preciso que se demore pouco tempo hoje, muito pouco...

MARQUEZ (*Despeitado*).

Porque?

RODEIRA.

Hão de vir esta noite aqui dois fidalgos...

MARQUEZ.

Então esta noite é a noite dos peccados, tia Michaela.

RODEIRA.

Ah! Esses não entram pela janella. Tenho ordem para lhes abrir as portas de par em par.

MARQUEZ.

Quem são, como se chamam esses fidalgos?

RODEIRA.

É o que eu não sei. Não sei, nem quero saber. A pobre rodeira reza nas suas contas, e abre a porta quando lh'a mandam abrir.

MARQUEZ.

E ás vezes a janella tambem.

RODEIRA.

Deus me perdôe; que bem remorsos tenho eu disso — *(vae para saír)* — Cuidado, sr. marquez; que o não encontrem aqui. É demorar-se pouco; para nos não perder; a mim e a sua irmã. *(Sáe)*.

SCENA IV.

MARQUEZ DE CAZELLAS *(só.)*

Pobre velha! É boa mulher no fim de tudo. Se não fosse ella, não podia eu fallar agora com minha irmã, e talvez... — essa esperança não tenho eu: não tenho por que seria vã. — Mas quem serão esses fidalgos? Á noite; neste convento, que é dos menos frequentados pelos... pelos poetas de outeiro! Quem serão? De certo não vem por ella; uma menina tão recatada, tão séria!

Ai! se eu a visse, se minha irmã me podesse levar aos seus pés!... *(pausa)* — Clara, Clara! Estrella, cujos raios matam com o amor, e ressuscitam com a esperança; tu que mereces finezas sem par, e que só as pagas com rigores! sol puro desta alma namorada! vem, Clara, corre veloz para o teu escravo, que de joelhos te admira como anjo celeste, que em ti vê o seu céu, e em ti admira o throno das graças e da belleza!

SCENA V.

O MARQUEZ DE CAZELLAS, *e* D. MARIA.

D. MARIA (*Entrando a rir*).

Viva, sr. meu irmão; bem se vê que está na grade de um convento. Que frazes tão conceituosas que está declamando!...—Se as paredes tivessem ouvidos?... mas é que os não tem, nem terão, por mais que digam.

MARQUEZ.

Minha irmã!... Diz-me.... ella não vem?

D. MARIA.

Que excellente irmão que é o sr. marquez de Cazellas! Vem vêr sua irmã, e antes de lhe perguntar se está boa, se ainda vive, falla-lhe *nella!* — *Ella?* não sei quem é.

MARQUEZ.

Vejo que estás boa, e muito alegre, minha irmã; por isso não perguntei novas tuas. — Mas não brinques agora; tem dó de mim. Falla depressa, dá-me um desengano, para eu saber se hei de ou não morrer.

D. MARIA.

Morrer! O caso é serio. Pois saiba, meu irmão, que...

MARQUEZ.

Que...

D. MARIA.

Ella não gosta de v. ex.

MARQUEZ.

Ah! Que me dizes tu, minha irmã?... Clara... não me ama...

D. MARIA.

Como te ha de ella amar, se te não viu nunca.

MARQUEZ.

Nunca me viu!.. Então no dia em que eu passei a cavallo por diante do terrasso... e na egreja...

D. MARIA.

Não deu por ti.

MARQUEZ.

Então ainda ha esperanças. Se outra vez passar, se me vir, talvez que então...

D. MARIA.

É perder-lhe as esperanças todas. Quando uma mulher tem de gostar de um cavalheiro... de lhe acceitar a côrte... sente-o logo... vê-o... sem mesmo olhar para elle. *(rindo)* — Ora esta! Não estou eu dando lições de amor ao mais amante dos fidalgos da côrte de D. João V; ao que tem conquistado mais corações! Eu, que nunca cogitei senão nas minhas bonecas, e nos contos da tia Joanna.

MRRQUEZ (*Com muita tristeza*).

Não ha remedio... não ha esperança. E eu que tanto gosto della!

D. MARIA.

Mas talvez...

MARQUEZ.

Talvez...

D. MARIA.

Que tudo isto não seja assim, não seja verdade; que eu me enganasse...

MARQUEZ.

Ai! se assim fosse Maria... que feliz que era teu irmão. — Se eu a podesse vêr uma vez ainda, uma vez só... Quem sabe? Talvez que não fosse tão infeliz, como até aqui o tenho sido.

D. MARIA.

Perdoa-me, meu pobre irmão, mas quiz experimentar-te. Foi um pensamento bom...

MARQUEZ.

Que quer dizer...

D. MARIA.

Ella já te viu.

MARQUEZ.

E fallou-te em mim?

D. MARIA.

Fallou.

MARQUEZ.

Disse-te?

D. MARIA.

Não disse; deixou-me dizer a mim.

MARQUEZ (*Impaciente*).

Mas o que... o que te deixou dizer?

D. MARIA.

Que estava namorada de ti.

MARQUEZ.

E porque m'o não disseste logo; para que me enganaste?

D. MARIA.

Quiz experimentar-te; como te disse já.

MARQUBZ.

Para que?

D. MARIA.

Quiz vêr se a amavas devéras. — Clara é a minha amiga, a unica amiga que tenho.

MARQUEZ.

Pois tu duvidavas de teu irmão?

D. MARIA.

Em cousas de amor, porque não? — Meu irmão é um fidalgo, (*fazendo uma mesura*) um casquilho da côrte.

MARQUEZ.

Este amor! É de veras, este!

D. MARIA.

É o que eu precisava saber, antes de te dar esperança, de te contar os segredos do coração, que me foram confiados com candura; porque, quando um homem sabe que é amado, tem armas a que não resiste, a

que não póde resistir a mulher que o ama. (*Rindo*) Continuam as minhas lições sobre o amor.

MARQUEZ.

Saberás tu dessa sciencia mais do que dizes?

D. MARIA.

Meu irmão, o que eu sei della, é á sua experiencia que o devo, e não á minha. Tem-me feito a confidente de todos os seus desvarios, e não queria que eu tirasse algum proveito das confidencias?

MARQUEZ.

Tens razão, minha boa irmã! — Crê que te estimo, que te sei apreciar. — Mas conta-me tudo agora; que estou impaciente por saber... por sentir cada uma das suas palavras.

D. MARIA.

Então escuta-me. Hoje, Soror Joanna contou-nos ao serão uma historia, que nun-

ca lhe tinhamos ouvido: por um acaso, que não sei, não posso explicar, a tal historia era quasi a narração dos teus amores. Havia tambem uma menina n'um convento, que via por duas vezes um cavalheiro; uma passar a cavallo, outra rezar na egreja; parecia inventado de preposito. O cavalheiro do conto amava a boa menina, como tu amas Clara.

MARQUEZ.

E depois?

D. MARIA.

Furtou-a; levou-a para um palacio encantado.

MARQUEZ.

Se eu podesse, se ousasse fazer o mesmo!

D. MARIA.

Deus te livre de tal; excommungava-te meu irmão! —Depois de acabado o conto fo-

ram-se todas deitar; e eu fiquei só com Clara, porque ella m'o pediu. Foi então que me confessou o que sentia no mais intimo d'alma; e o que ella confessou...

MARQUEZ.

Foi...

D. MARIA.

Não sei; nem ella tambem o sabe. Deseja vêr outra vez um bello fidalgo, que uma tarde passou por diante do terrasso do convento. Para que o deseja vêr, nem ella o póde explicar nem eu. — O sr. marquez póde interpretar-nos estes enigmas?

MARQUEZ (*Com muita alegria*).

É que me ama... Clara ama-me.

D. MARIA.

Não proclame tão alto a sua victoria, porque o podem ouvir. — Socegue, que ainda tem muito que saber: o melhor ainda falta, ainda se não disse.

MARQUEZ.

O que tens tu ainda que dizer, minha rica irmã? — Não digas mais que me matas de gôsto.

D. MARIA.

Está bom; pois não digo.

MARQUEZ.

Queres occultar-me alguma cousa; não me contas tudo que sabes della! — Que máu que é esse teu coração, Maria!

D. MARIA.

Ai, meu irmão que trazes essa cabeça muito desarranjada! — Que difficil é o aturar um namorado!

MARQUEZ.

Perdoa-me. Eu bem sei que estou louco; mas por isso mesmo tem dó de mim, não me faças enlouquecer ainda mais.

D. MARIA.

Então ouve-me, sem fazer exclamações.

MARQUEZ.

Vou escutar-te com todos os cinco sentidos.

D. MARIA.

Como te disse já, Clara tem desejo de te tornar a vêr, e eu...

MARQUEZ.

Disseste-lhe que eu vinha esta noite aqui.

D. MARIA.

Não senhor; não disse. Disse-lhe que sabia uns esconjuros, umas bruxarias, para fazer apparecer o homem que se ama.

MARQUEZ.

Para que lhe disseste isso; porque lhe não fallaste a verdade?

D. MARIA.

Era preciso não a assustar. Nem eu lhe quiz dizer quem tu eras, para te poder servir melhor, mais livremente. Em fim desejava saber antes, se tu a amavas de véras.

MARQUEZ.

E ella consente em fazer os esconjuros?

D. MARIA.

Consente. — Hoje, á meia noite, ha de vir aqui fazel-os, a esta porta que deita para a egreja (*mostrando a porta da direita*); e tu...

MARQUEZ.

Eu?...

D. MARIA.

Has de estar escondido lá dentro, para...

*

SCENA VI.

OS MESMOS, *e a* RODEIRA.

RODEIRA.

Sr. marquez... fuja, esconda-se que ahi veem os dois fidalgos.

D. MARIA.

Os dois fidalgos? Quem são; quem é que vem a esta hora?

RODEIRA.

Não sei. Vá-se menina, não me deite a perder. E v. ex., sr. marquez, suma-se, desappareça daqui já.

MARQUEZ.

Não quero; sou...

RODEIRA.

Todos sabem quem v. ex. é... mas agora

é preciso que o não encontrem aqui. Lembre-se da pobre velha, por quem é.

MARQUEZ.

Tem razão. — Que hei de eu fazer? Sair pela janella da sua cella.

RODEIRA.

Isso não; isso não póde ser. Vêl-o-iam saltar...

D. MARIA.

Não ha tempo a perder. Ande, senhor; esconda-se para aqui depressa, (*abrindo a porta que deita para a egreja*) depressa.

MARQUEZ.

Vou já. Adeus minha irmã. (*sáe*).

D. MARIA.

Até logo. (*Sáe pela porta da esquerda. A Rodeira sáe pelo fundo*).

SCENA VII.

O MARQUEZ *(só, e meio escondido na porta da egreja).*

Quem serão os taes fidalgos? — Entram pela porta... não veem como eu em segredo; a abbadessa conhece-os... Alguns amigos meus da côrte. —Oh! que bella anecdota que eu vou saber agora! Tudo esta noite me corre ás mil maravilhas (*escutando*). Ahi vem elles. E eu que os não posso vêr! Conhecel-os-hei pela voz (*esconde-se*).

SCENA VIII.

D. JOÃO V., *o* CAMÕES, *e a* RODEIRA.

D. JOÃO V.

Vá, Soror Michaela, vá dizer a Soror Joanna que a esperam aqui as pessoas que ella sabe.

RODEIRA.

E á madre abbadessa não quer que diga nada?

D. JOÃO V.

A essa!... Não, não lhe diga nada mulher.

RODEIRA.

Mas é...

D. JOÃO V.

Vá-se depressa, que se faz tarde; e nós não nos podemos demorar. (*A Rodeira sáe*).

SCENA IX.

D. JOÃO V, *e o* CAMÕES.

D. JOÃO V.

Que tal te parece esta minha aventura, Camões? Tu nunca tiveste uma egual.

CAMÕES.

Isso é verdade, senhor. As minhas aventuras são menos faceis, mais perigosas.

D. JOÃO V.

Mais perigosas!

CAMÕES.

Certamente que sim. Eu não tenho a mesma facilidade que V. M. em abrir as portas dos conventos fóra de horas. Quando lá entro é pelas janellas.

D. JOÃO V.

Mas entras.

CAMÕES.

V. M. quer só para si esse privilegio?

D. JOÃO V.

Quero.

CAMÕES.

Então?... Um rei póde tudo.

D. JOÃO V.

Náo póde Camões: enganaste. Agora que-

ro eu ser amado, e não... não sei ainda se o sou.

CAMÕES.

Ha de sêl-o. V. M. não é só o mais illustre fidalgo da sua côrte, é tambem o mais guapo.

D. JOÃO V.

Lisonjas! Pois tu tambem dizes lisonjas?

CAMÕES.

Isto não são lisonjas, são verdades, senhor.

D. JOÃO V.

Serão. Mas apesar dellas receio, parece-me que desta vez fico logrado no meu empenho. — Ai! se podesse dar ás raparigas uns olhos de cortezão para me verem, então... que feliz que eu seria nos amores.

CAMÕES.

É muito criança ainda essa que traz agora captivo o coração de V. M.?

D. JOÃO V (*Com anciedade*).

Porque dizes isso? Conhecel-a?

CAMÕES (*Rindo*).

Não, senhor; mas é, que só as mulheres muito novas é que ainda não teem olhos e alma de cortezão.

D. JOÃO V.

Que mal pensas das mulheres!

CAMÕES.

Não penso. Tenho-as visto de perto por minha... não sei se diga desgraça. Não direi, não.

D. JOÃO V.

Pois olha, no fim de tudo, as mulheres valem mais, muito mais do que os homens, É um rei quem t'o diz.

CAMÕES.

Um rei moço.

D. JOÃO V.

Mas que tem visto mais, e conhecido melhor os homens do que muitos que são velhos. — Esta que hoje nos traz aqui é um anjo.

CAMÕES (*Vendo Soror Joanna que se açoma á porta*).

Não é esta de certo.

D. JOÃO V.

Não, não é.

SCENA X.

OS MESMOS, *e* SOROR JOANNA.

D. JOÃO V.

Venha, Soror Joanna. Diga-nos, diga-me

o que ha (*baixo*). Não lhe pronuncie o nome diante do Camões. (*alto*) Que fez, que disse, que lhe disse ella de mim?

SOROR JOANNA (*Curvando o joelho*).

Permitta V. M. que lhe beije a mão a serva mais humilde, a mais fiel vassalla. Deixe que eu adore o sol destes reinos, a luz brilhante deste povo, que alumia...

D. JOÃO V (*Fazendo-a levantar*).

Bem, bem. Responda-me ao que lhe perguntei. Estou impaciente por saber o que se passou...

SOROR JOANNA.

Aquella que V. M. se dignou honrar...

D. JOÃO V.

De quem estou captivo...

SOROR JOANNA (*Sorrindo presumida*).

O captivo é senhor já; porque no coração della arde o faxo brilhante do amor.

D. JOÃO V.

Pois ella?

SOROR JOANNA.

Ama V. M.

D. JOÃO V.

Não ha duvida.

SOROR JOANNA.

Nenhuma.

D. JOÃO V.

E disseram-lhe quem eu era?

SOROR JOANNA.

Não, senhor, não sabe nada.

D. JOÃO V (*Com alegria*).

Já posso agora dizer que sou amado,

Camões. Esta ama D. João, e não o rei, Camões. Ella ama-me, e é linda como os amores.

CAMÕES.

V. M. é o melhor rei da terra, mas é melhor homem ainda do que rei. Não é o seu titulo que todos amam em V. M., é a sua pessoa, a sua alma nobre e magnanima.

D. JOÃO V.

Que lisongeiro estás hoje; desconheço-te, Camões. — Ah! já adivinho. É porque queres que te eu diga o meu segredo, queres saber o nome da minha Venus.

CAMÕES (*Rindo*).

Eu não quero, senão o que quer el-rei meu amo.

D. JOÃO V.

Estou capaz de t'o dizer.

SOROR JOANNA. (*Baixo a D. João v*).

Senhor! Perdôe-me V. M., mas...

D. JOÃO V. (*Baixo*).

Mas o que?

SOROR JOANNA. (*Idem*).

Não sei se V. M. me levará a mal...

D. JOÃO V. (*Idem*).

Diga, diga.

CAMÕES. (*Áparte*).

Que estarão elles a dizer? Se eu podesse saber quem ella é!

SOROR JOANNA. (*Baixo*).

Parece-me que V. M. não fez bem em trazer a esta casa...

D. JOÃO V. (*Idem*).

O Camões? — É o meu companheiro sempre de noite. (*rindo*) É bom andar com um corregedor, para não ser incommodado pelas rondas.

SOROR JOANNA. (*Idem*).

Mas talvez...

CAMÕES. (*Aparte*).

Que será aquillo?

D. JOÃO V. (*Baixo*).

Elle me disputa o coração da minha perola? — Não saberá quem é, não se lhe diz o nome.

SOROR JOANNA. (*Idem*).

V. M. não sabe então...

D. JOÃO V. (*Idem*).

O que não sei eu?

SOROR JOANNA. (*Idem*).

Que Clara é a sobrinha delle.

D. JOÃO V. (*Dando uma gargalhada — baixo*).

Sua sobrinha! Sobrinha do Camões!! — (*alto*) Que singular historia!

CAMÕES.

O que é, senhor? — (*áparte*) Estará elle namorado de minha sobrinha?

D. JOÃO V.

A dama dos meus pensamentos é parenta, parenta muito proxima de um dos nossos... fidalgos da côrte.

CAMÕES.

É... filha?

D. JOÃO V.

Não.

CAMÕES.

Irmã?...

D. JOÃO V.

Talvez.

CAMÕES. (*Áparte*).

Será, será a irmã do marquez de Cazellas?... Ella é bonita. É, é ella de certo. —(*alto*) É bem feliz V. M.

D. JOÃO V.

Sou; agora sim que sou feliz. — Isto de ser rei é uma triste cousa, se não ha um coração que nos ame com sinceridade, uma alma que se nos consagre toda com candura.

CAMÕES.

Todos os vassallos, todos os portuguezes amam o seu rei.

D. JOÃO V.

Amor de vassallos! — Um reino tem um coração muito grande, para que nelle se não

perca um homem; mesmo quando esse homem é rei. — É de um amor mais intimo que eu careço. Quero possuir uns olhos negros, em que não veja reflectir-se a minha corôa, em que possa mirar os meus olhos só. — Vou ter isto tudo, vae ser meu esse thesouro. Não é assim Soror Joanna? Conte-me como foi, como se passou, como soube que ella me amava?

SOROR JOANNA.

Fiz o que V. M. me ordenou; contei-lhe a historia, o conto do principe encantado, tal qual V. M. m'o ensinou, e vi que ella...

D. JOÃO V.

Me tinha notado quando eu passei por defronte do terrasso...

SOROR JOANNA.

E na egreja tambem.

D. JOÃO V.

Deseja tornar-me a vêr?

SOROR JOANNA.

Quer ser furtada como a menina do conto.

D. JOÃO V.

Far-lhe-hemos a vontade. — Ha de ir, ha de ter um palacio encantado, ainda que se gaste mais oiro do que tem custado o convento de Mafra. — Camões, é necessario preparar tudo para um rapto; ámanhã, a esta hora já ella deve estar n'uma casa, deve-se-lhe arranjar uma casa que faça inveja ao rei de França, e a todas as suas amantes. — Quero que se diga que o rei de Portugal é o mais rico, o mais generoso rei da Europa.

CAMÕES.

Não vi nunca a V. M. tão alegre... tão feliz.

D. JOÃO V.

Se a visses, se a conhecesses! (*ri-se*).

CAMÕES.

Conheço... talvez — V. M. diz que ella é irmã...

D. JOÃO V.

Parenta de um dos nossos... fidalgos.

CAMÕES.

É bonita?

D. JOÃO V.

Uma fada, um anjo; já t'o disse.

CAMÕES.

Permitte-me V. M. que eu adevinhe?

D. JOÃO V.

Adevinha, mas não digas nada.

CAMÕES.

Póde estar certo, senhor...

D. JOÃO V.

Nem mesmo a mim, não me digas o que adevinhas-te. — (*a Soror Joanna*) Soror Joanno ámanhã virá o Camões, para combinarem o modo de se fazer o rapto de... da sua pupilla.

SOROR JOANNA.

Cumprir-se-hão as ordens de V. M.

D. JOÃO V.

Está bom: agora póde ir deitar-se, guardar o meu thesouro, que são horas. —Vamo-nos Camões, vamos nós tambem. Ámanhã a noite deve ser mais aventurosa do que a de hoje; verás.

SOROR JOANNA.

Permitta V. M. que eu o acompanhe...

D. JOÃO V.

Não, não. Vá-se para que a rodeira não desconfie. — Isto de mulheres gostam de fallar; e póde saber-se, póde transtornar-se tudo (*dando a mão a beijar*). Boas noites, Soror Joanna; boas noites. —Anda Camões. (*Da porta*) Cautella! (*saem*).

SOROR JOANNA.

Que rei, que bom rei! — Deus o abençôe. — Seu pae era nobre, era bello, era esbelto tambem... mas assim, e tão amigo da religião e dos conventos, é que não ha... não houve, não haverá nunca outro rei no mundo (*sáe*).

SCENA XI.

O MARQUEZ *de* CAZELLAS (*só*).

MARQUEZ (*Saindo da egreja*).

Finalmente! — Era el-rei e o Camões, não ha duvida; conheci-os pela voz. — Que

virão elles fazer, que quererão aqui? Não pude ouvir o que diziam, é muito grossa aquella porta. (*pensando*) No dia em que vi Clara no terrasso do convento, seguia-me um cavalleiro, que me pareceu el-rei; quando estive na egreja no dia, feliz dia! em que ella pôz em mim aquelles olhos que matam, tambem S. M. estava do outro lado, encostado á pia d'agua benta. — Isto são amores; el-rei tem por este convento alguma namorada. — Quem será? Se fosse ella; se eu tivesse por meu rival D. João v, estava perdido. Perdido não, porque sou amado; mas seria mais difficil a victoria. — E minha irmã? minha irmã é bonita. Mas a essa, da nossa familia, não se atreveria el-rei, não nos quereria ter por inimigos. — Ai! que me não adevinha o coração cousa boa! São loucuras; nunca estive tão perto da felicidade. Minha irmã não tarda aqui; e com ella Clara, a minha linda Clara. — É singular! Estou tremendo, estou com mêdo de lhe apparecer: não sei o que lhe hei de dizer. Sabia tantas cousas, tanta palavra de amor! Mas palavras; palavras não são para ella. — Parece-me que hei de fi-

car de joelhos, callado, adorando-a: não tenho animo, não posso dizer-lhe o que sinto. — Ouço passos, e estou a tremer todo: não tremia assim em Almenára, quando tinha diante de mim os arcabuzes castelhanos! É ella, é. Vou-me esconder depressa (*entra na egreja*).

SCENA XII.

D. CLARA, *e* D. MARIA; *depois o* MARQUEZ.

D. CLARA. (*Entrando afflicta*).

Não posso, não tenho animo para isto!

D. MARIA. (*Com desassocego*).

Não tens animo? Pois... nem para o vêr? — Não ha perigo; nenhum. (*Aparte*) Elle está alli de certo; meu irmão não nos deixava aqui sós.

D. CLARA.

Mas que hei de eu fazer?

D. MARIA.

Bater tres pancadas na porta da egreja, e dizer...

D. CLARA.

Dizer o que?

D. MARIA.

A esta porta, a este portal por nove almas venho chamar...

D. CLARA.

Ai, que mêdo meu Deus! — Chamar pelas almas!

D. MARIA (*Assustada*).

É que não veem, as almas não apparecem.

D. CLARA.

Eu quero vêl-o, mas assim... assim não póde ser.

D. MARIA.

Póde. Já agora não ha remedio; repete comigo as palavras, a reza que te vou ensinar.

D. CLARA.

Tu já a disseste, já usaste della algu ma vez.

D. MARIA.

Não, nunca me servi della. Mas quem m'a ensinou foi a ama, que me creou; não me queria mal, era muito minha amiga. — Anda, dize comigo. A esta porta, a este portal, por nove almas venho chamar.

D. CLARA (*Dando tres pancadas na porta da egreja*).

A esta porta, a este portal, por nove almas venho chamar.

D. MARIA (*Exitando*).

Tres de enforcados, tres de arrastados, tres de mortos a ferro frio.

D. CLARA.

Isso...

D. MARIA.

Dize, depressa.

D. CLARA (*Muito depressa*).

Tres de arrastados, tres de enforcados, tres de mortos a ferro frio. — Fria estou eu... de terror, estou gelada.

D. MARIA.

Já falta pouco.

D. CLARA.

Não ouviste?

D. MARIA.

O que?

D. CLARA.

Um rumor na egreja...

D. MARIA.

Na egreja! Que dizes?

D. CLARA.

Serão ellas?

D. MARIA (*Aparte*).

É meu irmão; elle não nos deixava assim. — (*Alto*) Não foi nada, descança. Todas nove no valle de Jozaphat se juntarão... Dize.

D. CLARA.

No valle de Jozaphat se juntarão.

D. MARIA.

Tres varas de zimbro negro hão de colher.

D. CLARA.

Tres varas de...

D. MARIA.

De zimbro.

D. CLARA.

De zimbro negro hão de colher.

D. MARIA.

Com elles o seu coração hão de enlear.

D. CLARA.

Com elles o seu coração hão de enlear.

D. MARIA.

Abalos de amor e saudades lhe hão de dar, para que me venha já, já aqui, fallar.

D. CLARA.

Abalos de amor e saudades lhe hão de dar, para que me venha já, já aqui, fallar.

MARQUEZ (*Entrando na scena*).

Aqui estou... de joelhos...

D. CLARA *e* D. MARIA (*Com muito terror*).

Ai ! !

MARQUEZ (*Com paixão*).

Venho fallar-lhe, senhora, deste amor...

D. CLARA (*Caindo nos braços de D. Maria*).

Ah ! minha amiga ! É elle, é este mesmo.

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO SEGUNDO.

Uma sala do Paço, em Lisboa.

SCENA I.

D. JOÃO V. *sentado*, CAMÕES *de pé*.

D. JOÃO V.

Está já tudo combinado, não é assim?

CAMÕES.

Estive esta manhã cêdo no convento; fal-

lei com Soror Joanna, e ella ficou de fazer com que a menina, a sra. Dona...

D. JOÃO V (*Receioso*).

Já lhe sabes o nome? Soror Joanna disse-to?

CAMÕES.

Não disse. Mas V. M. não me deu hontem licença para adevinhar?

D. JOÃO V.

É verdade: dei-te licença para adevinhar, mas não para me contares o resultado das tuas adevinhações.

CAMÕES.

Perdôe-me V. M. que me esquecia; peço-lhe humildemente perdão. — A menina, esta noite, ha de passeiar na cêrca do convento só com Soror Joanna; ha de perder-se na rua do jardim que vae dar ao tanque, e ahi...

D. JOÃO V (*Levantando-se*).

É que nós a havemos de encontrar.

CAMÕES.

É ahi; é esse o logar destinado para o robo de Helena.

D. JOÃO V.

A que horas?

CAMÕES.

Cêdo; logo alli depois do anoitecer, pela volta das oito horas.

D. JOÃO V.

E as rondas?

CAMÕES.

Já teem ordem para não vêr, nem ouvir.

D. JOÃO V.

É preciso não as costumar muito a terem essas virtudes.

CAMÕES.

É só por esta vez; é porque V. M. mandou, senão...

D. JOÃO V.

Ha na nossa côrte gente, muita gente de mais, que se julga, com direito de cegar, e ensurdecer as rondas e a justiça. Esse direito quero-o eu só para mim... e nem para mim o quero.

CAMÕES.

V. M. ordena então que se deem contra ordens.

D. JOÃO V.

Não; desta vez ainda não. Mas é a ultima. Quero mais socego na cidade; estou cançado de ouvir fallar em rondas espancadas, em duelos nocturnos, em cousas em fim que são contra as leis de Deus e do reino.

CAMÕES.

É difficil.

D. JOÃO V.

Não é. Esses fidalgos andam por ahi muito altanados e atrevidos, sr. corregedor, mas é porque eu não tenho sido, não quiz ainda ser rei devéras. Em havendo um braço poderoso que os contenha, ha de vossa mercê vêl-os curvados e humildes. O orgulho dos ministros estrangeiros, já eu soube dobral-o á minha vontade; o dos meus vassallos ha de ceder tambem; é menos difficil isso. . . . . .

SCENA II.

OS MESMOS, *e o* MARQUEZ *de* CAZELLAS.

D. JOÃO V.

O que é, marquez! Quem me quer fallar agora? Já chegou a Academia?

MARQUEZ.

Não, senhor. É o secretario de estado, Diogo de Mendonça, que pede audiencia a V. M.

D. JOÃO V.

Que entre. Mande-o entrar para aqui, marquez: diga-lhe que o espero. (*o marquez sáe*) Camões, tenho ainda que te fallar; mais tarde. São quatro horas apenas, temos tempo. — Agora podes retirar-te; mandar-te-hei chamar depois (*o Camões vae para sair*). — Olha; em chegando a Academia que m'o venham participar (*sáe Camões*).

SCENA III.

D. JOÃO V, *e* DIOGO *de* MENDONÇA.

D. JOÃO V.

Que ha de novo, Mendonça? Ha alguma cousa de Hespanha?

MENDONÇA.

Não, senhor, de Hespanha não ha nada. Ousei pedir a V. M. uma audiencia...

D. JOÃO V.

E logo t'a concedi. Um rei deve antepôr a todos, os interesses do seu reino.

MENDONÇA.

Foi uma razão poderosa, um caso gravissimo que me obrigou a importunar S. M. a estas horas; ás horas em que se reune com a sábia Academia, para se entregar ao culto de Minerva.

D. JOÃO V.

Não tem duvida. Tu não te demoras muito, de certo; e a Academia em chegando que espere. Mas dize-me, o que te trouxe aqui? Temos guerra?

MENDONÇA.

Talvez; o caso é de certo para isso. O interesse, a honra de Portugal, póde ser que exijam que se declare a guerra á França.

D. JOÃO V.

Á França? Pois os francezes quebraram a paz: atacaram outra vez o Rio de Janeiro como em 1711, queimaram-nos alguns navios?

MENDONÇA.

Não, senhor.

D. JOÃO V (*Impaciente*).

Então que foi; que foi?

MENDONÇA.

O novo embaixador, o abbade de Livri...

D. JOÃO V.

Que fez?

MENDONÇA.

Que chegou á pouco...

D. JOÃO V.

Já sei, já sei. Que mais?

MENDONÇA.

Pertende que eu, como secretario de estado, que tenho a honra de ser de V. M., o visite primeiro, que elle me visite a mim.

D. JOÃO V.

E então?...

MENDONÇA.

É uma cousa contraria aos principios da etiqueta. Seria uma deshonra para a corôa de V. M., para o reino todo, o ceder a exigencia tão orgulhosa de um estrangeiro.

D. JOÃO V.

Tens razão, Diogo de Mendonça. Ainda que tenhamos de sustentar uma guerra com a França, não desceremos do nosso logar, não poremos em risco a dignidade do throno de meus avós, e do nome portuguez. Não se querem desenganar, que sou eu o rei aqui; não bastou a lição que lhes démos já na questão das franquezas dos ministros, com o principe de Lambert, quando mandámos sair de Lisboa, em vinte e quatro horas, os ministros de Inglaterra, de Hespanha, e do Imperio, por terem offendido os officiaes das nossas justiças; pois dar-lhes-hemos outra. — É preciso recusar ao abbade de Livri o que elle pede; e dizer-lhe que eu o não quero receber na côrte, que lhe não darei audiencia se elle não desistir immediatamente da sua orgulhosa pertenção.

MENDONÇA.

V. M. é um rei magnanimo, um rei fidelissimo. — A honra dos seus ministros

não corre nunca perigo, porque V. M. a defende com a propria corôa.

D. JOÃO V.

A proposito. E os arrabidos tambem teimam ainda, em não trocar o seu triste canto da capucha pelo cantochão romano?

MENDONÇA.

O guardião, e fr. Domingos o cantôr-mór parecem pouco dispostos a ceder ao desejo de V. M. Aquella gente é teimosa; os frades fiam-se no papa.

D. JOÃO V.

Pois não fazem bem agora. Ou me hão de ceder, ou não entrarão nunca as portas do convento de Mafra. Aquelle edificio, que tem custado tanto ouro, em que se tem empregado as riquezas trazidas pelas frotas do Brasil, que faz inveja ao proprio papa, não ha de servir para nelle se celebrarem officios com o insulso canto da capucha.

Quero ouvir naquella egreja as harmonias, amplas e graves do cantochão, que foi para isso sobre tudo que mandei levantar-lhe as abobadas sonoras. Todos querem, todos ousam resistir á minha vontade aqui!

MENDONÇA.

As ordens de V. M. hão de ser respeitadas, e cumpridas.

D. JOÃO V.

Mas não o tem sido até agora. — Frades, fidalgos, estrangeiros, andam todos muito alvoroçados e presumpçosos. As guerras com Hespanha; e a debilidade dos governos, teem sido a causa destas desordens no paiz.

MENDONÇA.

Mas agora que temos paz, e que a bondade divina nos concedeu um rei prudente, e illustrado, como V. M. é, tudo ha de entrar no bom caminho, todos hão de cumprir os seus deveres.

SCENA IV.

OS MESMOS, *e o* MARQUEZ *de* CAZELLAS.

D. JOÃO V.

Que quer, marqnez?

MARQUEZ.

Os academicos esperam por V. M. na sala da Gallé.

D. JOÃO V.

Já vou. Olha marquez, espera aqui por mim; tenho que te fallar. (*baixo a Diogo de Mendonça*) Mendonça, é necessario que daqui a uma hora o Camões receba ordem para sair de Lisboa.

MENDONÇA.

Offendeu a V. M. o Camões?

D. JOÃO V.

Não. Mas é necessario que esta noite, elle não esteja aqui. Manda-lhe uma ordem terminante, que lhe não dê tempo para me fallar. Percebes?

MENDONÇA.

Sim, senhor.

D. JOÃO V.

Agora vamos. (*ao marquez*) Eu volto já marquez (*sáem, o Rei e Diogo de Mendonça*).

SCENA V.

O MARQUEZ (*só*).

El-rei quer fallar-me. Que quererá de mim? Aquella ida hontem á noite ao convento de minha irmã; estas conferencias com o Camões, tudo isto me faz desconfiar, diz-me o coração que eu não sou estranho ao que se passa aqui. A minha sórte, o

meu futuro, o futuro de minha irmã, da minha boa Maria, talvez esteja em perigo. Esta espada, esta vida é tua minha irmã! Defender-te-hei, guardar-te-hei a honra. — Devo-lhe muito, devo-lhe mais que a existencia. Aquelle instante que hontem passei aos seus pés, é a minha irmã que eu o devo. Oh! que felicidade infinita foi a minha, quando Clara me estendeu a mão de jaspe, e me disse com aquella voz dulcissima! que me... que me amava não, mas que me perdoava este amor. — Que pureza, que candura nas suas palavras, que meiga ternura se lhe devisava nos olhos limpidos! Nunca vi, nem ha um anjo egual na terra! — Hoje hei de tornar a vêl-a, prometteu-mo minha irmã. E talvez não fuja como hontem. — Se eu fui tão atrevido, beijei-lhe a mão. Meu Deus, nunca pensei que podia amar assim! Tremer de susto, só com a idéa de não ser correspondido! Ter angustias sem par, quando sinto que a posso perder! Tomára já que passassem as horas, estas longas horas do dia. Só á noite me é dado talvez fallar-lhe; só mais tarde conhecerei este segredo de el-rei, que tanto cui-

dado me dá. Este segredo, este segredo tenho-o sempre na lembrança, é uma visão má que me segue. Qual amará el-rei, ella ou minha irmã? É uma das duas por força; são as mais lindas do convento. — E qualquer dellas que seja, que hei de eu fazer?... Perder-me por ella; morrer pela sua honra como um fidalgo que sou.

SCENA VI.

O MARQUEZ *de* CAZELLAS, *e* D. MARIA.

D. MARIA (*Baixo á porta*).

Meu irmão, meu irmão!

MARQUEZ.

Minha irmã!... tu!...

D. MARIA.

Estás só?

MARQUEZ.

Estou, podes entrar. — O que te trouxe

aqui? Porque saistes do convento? Que ha? E ella, onde está Clara?

D. MARIA.

Devagar, devagar. Não posso responder a tantas perguntas ao mesmo tempo.

MARQUEZ.

Não brinques agora com o teu pobre irmão, minha rica Maria. Sou muito desgraçado, minha irmã.

D. MARIA.

Desgraçado! Não és, não te julgues ainda desgraçado. Ha esperança, devemos ter esperança.

MARQUEZ.

Estás-me assustando ainda mais com essas palavras que dizes. — De que devemos nós conservar esperança?

D. MARIA.

Pois não sabes? Não te estavas queixando agora? Então de que te queixavas tu, que aconteceu?

MARQUEZ.

Nada. Nem eu sei dizer. Desconfio...

D. MARIA.

Eu tambem desconfio só; por isso disse que ainda havia esperança.

MARQUEZ.

Dize-me o que ha, o que tens a dizer-me. Não posso, não tenho força para esperar.

D. MARIA.

Escuta-me meu irmão. Fallo-te serio agora, muito serio. (*com um suspiro*) Já não sei rir. Trata-se da tua felicidade, e eu sou tua amiga devéras. —El-rei foi ao convento, meu irmão.

MARQUEZ.

Já sei. Foi lá quando eu estava escondido na egreja: senti-o fallar. — Não te disse nada hontem, porque não tive tempo para isso.

D. MARIA.

Está namorado...

MARQUEZ.

De ti?

D. MARIA.

Não sei; talvez seja de Clara.

MARQUEZ.

Como soubeste...

D. MARIA.

Esta manhã foi o Camões ao convento fallar com Soror Joanna. Eu ouvi a conversação toda. Fiz mal em escutar...

*

MARQUEZ.

Não fizeste.

D. MARIA.

Fiz: escutar os segredos alheios, não é uma virtude. Mas o que está feito, já agora...

MARQUEZ.

Que disseram, de que fallaram elles?

D. MARIA.

Combinaram, despozeram tudo para uma menina do convento ser esta noite furtada por El-rei.

MARQUEZ.

E que nome deram a essa menina?

D. MARIA.

Nenhum. Se lhe dissessem o nome já eu sabia quem era.

MARQUEZ.

É verdade. — Onde deve ser feito esse...

D. MARIA.

Soror Joanna — e eu que a julgava boa e virtuosa — Ella, tão beata e escrupulosa, prometteu fazer com que a menina passeie esta noite no jardim até ás oito horas, e fique só na rua que vae dar ao tanque. El-rei ha de estar escondido ahi...

MARQUEZ.

E agarrarem então a pobre menina...

D. MARIA.

Coitada, que susto que ha de ter! — Eu apenas ouvi isto, escrevi a nossa mãe, para que me fosse buscar. Sabia que eras o camarista de semana, vim ter comtigo para te contar...

MARQUEZ.

Não levarão a cabo a sua empreza. (*colerico*) Tenho amigos, tenho uma espada, lançar-me-hei sobre elles, arrancar-lha-hei das mãos... É minha, Clara é minha já: ama-me. — Em quanto eu tiver sangue nas veias, em quanto sentir um respiro de vida, ninguem porá nella mãos impuras.

D. MARIA.

E senão fôr Clara, a que querem furtar? O Camões, o tio de Clara anda mettido na intriga. — E que seja; tu não pódes fazer nada pela força contra El-rei. Perder-te-hias, sem a salvar a ella.

MARQUEZ.

Morrerei ao menos.

D. MARIA.

Não pensemos ainda nessas cousas tristes. — Meditemos, scismemos no que se

deve fazer. (*pensativa*) El-rei leva comsigo fidalgos da côrte... póde ser... póde... bem... Olha, meu irmão, socega...

MARQUEZ.

Não posso, o coração...

D. MARIA.

Dize ao coraçãe que se cale. — É indispensavel que tu acompanhes El-rei...

MARQUEZ.

Nunca. Acompanha-lo n'um crime...

D. MARIA.

Ainda não ha um mez, que chamavas a essas coisas assim, aventuras, galanterias...

MARQUEZ.

Que alma tão fria que é a tua, Maria!

D. MARIA (*Com sentimento*).

Não é, não.

MARQUEZ.

E Clara, a tua amiga, não tens dó de a vêr em tamanho perigo?

D. MARIA (*Com tristeza*).

Tenho. Já tenho chorado muito por ella, hoje. Mas agora, é preciso pensarmos em a salvar.

MARQUEZ.

Eu, não posso pensar... tenho a cabeça tão perdida, sinto as idéas tão confusas, que nem atino no que digo.

D. MARIA.

Pois deixa-me pensar por ti. Vae com El-rei; falla-lhe a ella, anima-a: dize-lhe que eu, que nós ambos a salvaremos do perigo. Sabe para onde a levam, vê se descobres algum meio de eu lhe poder fallar.

MARQUEZ.

Mas depois, depois...

D. MARIA.

Acharemos maneira de lh'a tirar das mãos.

MARQUEZ.

Mas tarde, mas quando... Oh! meu Deus, meu Deus! Não póde ser, isto não póde passar-se assim! Minha pobre irmã, tu nem comprehendes o meu martyrio, nem sabes, não podes saber que dôr é esta que me punge na alma!

D. MARIA (*Chorando*).

Meu irmão, meu rico irmão! — Então que se ha de fazer, que lhe havemos nós de fazer? (*pausa*) Nada de desanimar; entreguemo-nos á providencia. — Clara amate, e o seu amor guarda-la-ha do perigo.

MARQUEZ.

Pobre innocente! Que póde ella fazer cercada de seducções? Vou fallar a El-rei, dizer-lhe tudo; e se elle não der ouvidos ás minhas queixas (*colerico*) esta espada... (*triste*) esta espada porá termo ás minhas maguas.

D. MARIA.

Guardemos esse recurso para quando nos não restar já nenhum outro. (*pegando-lhe na mão*) Nem para então, meu irmão; não é assim? Talvez que algum acaso, alguma circumstancia inesperada nos auxilie. —Falla ao Camões, pede-lhe que obtenha de El-rei, que tu o acompanhes. — Animo marquez! Não sei que voz de anjo me diz, que não teremos tragedia desta vez.

MARQUEZ (*Depois de uma pausa*).

Tens razão, tu tens sempre razão Maria. As tuas inspirações vem do céu. Farei o que me dizes.

D. MARIA.

Ora ainda bem; isso é que se chama ter juizo.

MARQUEZ.

Não o digas brincando. Tens sido a minha providencia. Sem ti, já me teria perdido cem vezes nesta intriga, que me traz enleiado.

D. MARIA (*Rindo*).

Que me dá o sr. marquez pelos meus conselhos?

MARQUEZ.

O que me pedires.

D. MARIA.

Peço uma coisa, uma só. É que sejas sempre fiel á minha Clara.

MARQUEZ.

Ora, isso! Pois tu ainda duvidas?

MARIA.

Nem eu sei; mas...

MARQUEZ.

Eu a ti nunca te enganei, minha irmã; nunca te menti.

D. MARIA.

É verdade, é. Agora adeus. (*vae para sáir, depois volta-se para traz*) Prudencia! (*sáe*).

SCENA VII.

MARQUEZ (*só*).

Que anjo! Que alma tão pura, que caracter tão nobre, que espirito penetrante que é o seu! — Tem razão; é necessario que eu esconda os segredos do coração, que os não deixe adevinhar ainda. Indo com El-rei poderei ver tudo; saber, abservar o que se passa, e talvez salva-la. — Ah! Eu hei

de salva-la por força, ainda que me custe a vida! A minha existencia mudou, sinto-me outro agora. Fugio-me a alegria, tudo me cança, tudo me aborrece, mas tenho mais alma que d'antes, sei sentir melhor. Só della cogito, só nella penso em todos os instantes. Eu, que nunca pensei mais de tres dias em nenhuma das nossas formosuras da côrte, quizera viver um seculo com Clara. E querem roubar-m'a, tirar-me a luz desta alma! Não podem, não hão de consegui-lo. — Ahi vem gente. Será o Camões? Este homem saberá que é a sua sobrinha que querem deshonrar? Irá tão longe a perversidade humana?

SCENA VIII.

MARQUEZ, *e* CAMÕES.

CAMÕES (*Recuando*).

O marquez!

MARQUEZ.

Sr. corregedor, quer fallar a El-rei?

CAMÕES.

Ah! É v. exa.?

MARQUEZ.

Desejava muito fallar-lhe, sr. Camões.

CAMÕES.

Faz-me muita honra, sr. marquez. Então em que o posso servir?

MARQUEZ.

Sei, todos sabem que é o... confidente de El-rei; que é ao sr. Camões que S. M. confia todos os segredos... Não sei como me hei de explicar.

CAMÕES.

Não são os segredos politicos, que S. M. me faz a honra de confiar-me. (*áparte*) Que quererá elle?

MARQUEZ.

Não são, é verdade: mas os mysterios galantes da côrte, ninguem os conhece melhor.

CAMÕES.

E ás vezes tem graça os taes mysterios.

MARQUEZ.

É verdade, ás vezes: mas outras...

CAMÕES.

Outras...

MARQUEZ (*Colerico*).

São infames, são vis.

CAMÕES.

Desses não sei eu nada, sr. marquez de Cazellas. (*áparte*) Saberá elle da irmã?

MARQUEZ (*Contendc-se*).

Eu queria dizer, queria dizer que ha desses mysterios que são perigosos...

CAMÕES.

Perigosos!

MARQUEZ.

Para a vida...

CAMÕES.

Em!

MARQUEZ.

Para a segurança de S. M.

CAMÕES. (*Respirando*).

É verdade.

MARQUEZ.

O sr. Camões reconhece que é verdade. Então deve aconselhar a El-rei que ande mais acompanhado, que se não exponha só de noite.

CAMÕES.

Isso mesmo tenho eu feito observar a S. M.

MARQUEZ.

E El-rei...

CAMÕES.

Prometteu-me que iria acompanhado por alguns fidalgos, a primeira vez que saisse do paço á noite.

MARQUEZ.

Peço-lhe, sr. Camões, que falle em mim a S. M. Ha muito que desejo arriscar a vida na defeza do meu soberano, é o sentimento mais forte da minha alma. (*áparte*) Menti agora.

CAMÕES.

Obedecerei á vontade de v. exa. A primeira vez...

MARQUEZ.

Esta noite...

CAMÕES.

Esta noite! El-rei não sáe do paço esta noite... que eu saiba.

MARQUEZ.

Sáe. Disseram-me que saía...

CAMÕES (*Áparte*).

Sabe tudo. (*alto*) Talvez: mas eu não ouvi fallar em tal.

MARQUEZ (*Com desprêzo*).

O sr. Camões não ouviu fallar em tal? — É que já não está na confiança de El-rei. É pena; dou-lhe os sentimentos.

CAMÕES.

Talvez S. M. se digne dizer-me agora alguma cousa a esse respeito.

MARQUEZ (*Voltando-lhe as costas*).

Póde ser. Mas irei fallar eu mesmo a El-rei. (*sáe*).

SCENA IX.

O CAMÕES (*só*).

É singular, é engraçado este homem! E desespera-se contra mim, por me não querer empenhar com El-rei, para que o leve esta noite... a furtar a propria irmã. (*rindo*) Se S. M. soubesse esta historia, o que não riria. Vou contar-lh'a. — Mas o pobre marquez fica perdido. Os outros fidalguinhos, que tanta inveja lhe teem, se sabem da anecdota, cobrem-no de ridiculo. — Mas saberá elle tudo? Será isto um aviso, uma ameaça? A mão corre-lhe veloz para a espada; e aquelles olhos que me deitou... parecia que me queria atravessar. — Se elle recorre á guerra, Camões, estás perdido: tu que nunca viste batalhas senão nos panos de Tunes! — O marquez suppõe que fui eu, que metti na cabeça de El-

rei estes amores; e D. João V que precisa de quem lhe ensine a gostar de mulheres bonitas! — Suppõe, e por isso... não ha remedio senão esconder-me no manto real.

SCENA X.

D. JOÃO V., *e* CAMÕES.

D. JOÃO V (*Entrando*).

Precisas abrigar-te das furias de alguem? Quem é que te quer mal, Camões, quem te quer mal?

CAMÕES.

Mal, quer-me muita gente; basta para isso a bondade com que V. M. me trata.

D. JOÃO V.

Acho-te desassocegado. Tiveste algum abalo; houve alguma coisa por aqui?

CAMÕES.

Não, senhor. O marquez de Cazellas...

D. JOÃO V.

O marquez! Onde está elle? Disse-lhe que me esperasse aqui, e não o vejo.

CAMÕES.

Saiu agora mesmo. Pediu-me. — V. M. de certo váe rir em sabendo o que elle me disse. — Pediu-me que aconselhasse a V. M. que lhe rogasse que de noite não saísse do paço desacompanhado, para se não expor...

D. JOÃO V.

É de um bom vassallo o pedido do marquez; não é para fazer rir ninguem.

CAMÕES.

Perdôe-me V. M. Não é esse o ponto principal, a parte comica da anecdota. — O

marquez está ancioso por acompanhar esta noite a expedição do convento.

D. JOÃO V.

E depois?

CAMÕES (*Rindo*).

Pois V. M. não vê...

D. JOÃO V.

Não vejo nada. O que hei de eu vêr...

CAMÕES.

Ir elle furtar a propria...

D. JOÃO V (*Seccamente*).

Basta, Camões: desta vez não acertaste no alvo, não me fzeste rir. Fallemos agora dos arranjos, que é necessario fazer ainda, para receber a minha Venus. A casa d'Alcantara póde servir; é longe, mas não temos outra mais proxima, que seja digna della. Vae lá... Não vás, mandarei outro.

CAMÕES (*Aparte*).

Que mudança em El-rei! Como me trata!

D. JOÃO V.

Olha: vae-te para casa. Mandar-te-hei depois as minhas ordens. (*o Camões curva-se com respeito*) Antes de te ires, dize ao marquez de Cazellas que me venha fallar.

CAMÕES (*Saindo*).

Que será isto?

SCENA XI.

EL-REI, *e o* MARQUEZ *de* CAZELLAS,

D. JOÃO V.

Marquez, tenho que te fallar.

MARQUEZ.

Que ordena, V. M?

D. JOÃO V (*Com familiaridade*).

Tú és um bom, e fiel vassallo; um amigo.

MARQUEZ.

V. M. faz justiça ao meu coração. O amor, a devoção...

D. JOÃO V.

É só da tua amizade que eu careço agora. —Vou pedir-te uma coisa, não como rei, mas como amigo.

MARQUEZ.

Dê-me V. M. as suas ordens.

D. JOÃO V.

Esta noite...

MARQUEZ.

Esta noite...

D. JOÃO V.

Os reis tambem teem coração, marquez; e tu sabes que o meu é um coração... um coração terno de mais para um rei. — Estou namorado de uma menina... quem a póde vêr sem ficar namorado? — É um anjo, uma bellesa, como não ha outra em toda a Peninsula, em todo o mundo.

MARQUEZ (*Áparte*).

Oh! Clara, Clara!...

D. JOÃO V.

E, — vê como sou feliz — essa formosura ama-me tambem a mim.

MARQUEZ.

Ama!?

D. JOÃO V.

Ama; ama-me sem saber que sou o rei. Clara...

MARQUEZ (*Com terror*).

Clara...

D. JOÃO V.

É assim que ella se chama. Não achas que tem um nome encantador?

MARQUEZ.

E ella ama V. M.?

D. JOÃO V.

Não te disse já que me amava? Foi Soror Joanna, a freira que educou tua irmã, — Clara está no mesmo convento — quem lhe colheu dentro d'alma a confissão deste amor puro, e casto como ella.

MARQUEZ (*Áparte*).

Ai, que martyrio!

D. JOÃO V.

Clara, viu-me duas vezes apenas; uma

passando eu a cavallo por diante do seu convento, outra na egreja. Foi bastante para vencer um coração ainda innocente.

MARQUEZ (*Áparte*).

Enganou-se. Desabafo !

D. JOÃO V.

Esta noite, — está tudo preparado já — esta noite é necessario tira-la do convento, leva-la para uma casa, onde eu possa ir fallar-lhe, pintar-lhe este amor que me consome, offerecer-lhe... quanto ella puder desejar. Não posso sair do paço antes das dez horas. A rainha estranharia se eu a deixasse mais cêdo hoje. — É a ti, marquez, que eu confio esta empreza.

MARQUEZ.

A mim!... só!...

D. JOÃO V.

Sim, marquez; a ti só, meu amigo. —

Leva alguns criados, para te defenderem, se fôr preciso, que não ha de ser, e cavallos...

MARQUEZ (*Agitado*).

Como hei de eu conhece-la?

D. JOÃO V.

Não é difficil. — Entra ao anoitecer no jardim do convento, esconde-te na rua que vae ter ao tanque; e em vendo passar uma menina só, é ella. A essa hora já não estará hoje mais ninguem fóra do convento.

MARQUEZ.

E V. M. quer que eu a leve?...

D. JOÃO V.

Ao palacio d'Alcantara. — Mas fica longe; seria melhor que ella fosse para alguma casa mais proxima, e digna de a receber.

MARQUEZ.

Se V. M. quer servir-se do meu palacio... Minha mãe está de serviço aqui no paço. (*áparte*) Poderei guarda-la melhor.

D. JOÃO V.

É melhor assim, tens razão. — Então leva-a para tua casa, e eu irei ter comtigo em sendo dez horas. — Ah! antes de ires, é preciso que me promettas, que me dês a tua palavra de honra...

MARQUEZ (*Hesitando*).

O que quer V. M. que eu lhe prometta com a minha palavra de honra?

D. JOÃO V.

Que não has de dizer uma unica palavra a Clara, nem tirar esta mascara da cara até eu chegar. (*dá-lhe uma mascara*) Juras?

MARQUEZ.

É uma ordem?

D. JOÃO V.

É!

MARQUEZ (*Com voz abafada*).

Dou a minha palavra de honra, que não hei de dizer uma só palavra a... a essa menina que vou... buscar ao convento; nem tirar esta mascara diante della, sem o consentimento de V. M.

D. JOÃO V.

Bom. Agora tudo está combinado. — Em sendo horas vae, não faltes.

MARQUEZ.

Não falto.

D. JOÃO V.

É preciso cuidado em não fallar nisto, sobre tudo ao Camões. (*rindo*) Clara é sobrinha delle. (*sáe*).

SCENA XII.

O MARQUEZ *de* CAZELLAS, *e depois* D. MARIA.

MARQUEZ.

O Camões não sabe de nada. Pobre Camões; e eu que o criminei! Que desgraçada, que miseravel condição a minha! Roubar para outro a mulher que amo! — Nem ao menos a posso animar; dar-lhe força para soffrer, pedir-lhe que me salve a vida, salvando-se a honra a si. Que hei de fazer, meu Deus?

D. MARIA (*Entrando depois de espreitar da porta*).

Que tens, meu irmão; o que te afflige? Alguma desgraça nova?

MARQUEZ.

Ai! És tu minha irmã?

D. MARIA.

Não podeste obter, o que nós queriamos? Não vás com El-rei?

MARQUEZ (*Com desesperação*).

Vou; e vou só.

D. MARIA.

Vás só?

MARQUEZ.

Vou tira-la esta noite do convento... só, sem mais ninguem.

D. MARIA.

El-rei não vae?

MARQUEZ.

Não.

D. MARIA.

E affliges-te?

MARQUEZ.

Hei de leva-la para nossa casa.

D. MARIA.

E então?...

MARQUEZ.

Não tens dó de mim, Maria?

D. MARIA.

Não vejo nada que faça dó; ao contrario.

MARQUEZ.

Entregar a outro, por minhas proprias mãos, a mulher que adóro!

D. MARIA.

Entregar!!

MARQUEZ.

Prometti...

D. MARIA.

Promettes-te! Pois tu prometteste isso, meu irmão?

MARQUEZ.

Jurei...

D. MARIA.

Hein! Juraste?

MARQUEZ.

Traze-la do convento para nossa casa...

D. MARIA.

Cumprir-se-ha o juramento.

MARQUEZ.

Jurei não dar uma palavra a Clara, até chegar El-rei...

D. MARIA.

Cumprir-se-ha esse juramento tambem.

Eu fallarei por ti. — Não juraste mais nada?

MARQUEZ.

Jurei não tirar esta mascara.

D. MARIA.

Isso não importa. Ella já te viu; já te conhece. — E mais nada?

MARQUEZ.

Nada mais jurei.

D. MARIA.

Pois então alegra-te meu irmão, porque és ditoso.

MARQUEZ.

Não zombes assim de mim.

D. MARIA.

Fia-te nas minhas palavras; faz quanto

te eu disser, e em poucas horas serás envejado pelos proprios reis.

MARQUEZ.

Dize-me; explica-me...

D. MARIA.

Não digo nada agora. — São horas. Vamos, sr. marquez, vamos cumprir as ordens de El-rei.

MARQUEZ.

Mas...

D. MARIA (*Levando-o pelo braço*).

Não se póde perder tempo. (*sáe*)

SCENA XIII.

CAMÕES *e depois* UM CAMARISTA.

CAMÕES (*Entrando com um papel na mão*).

Esta ordem para sair de Lisboa... não sei

o que hei de pensar della. O ministro manda-me dizer que El-rei ordena, que eu vá a esta diligencia; El-rei disse-me que me queria esta noite ao pé de si. Não posso atinar com a verdade. A menos que El-rei me não ande enganando... que seja minha sobrinha... — Será? Será a filha de minha pobre irmã, que ella me confiou, que eu amo tanto?... Querer-me-hão deshonrar? Não póde, não ha de ser assim. É indispensavel que eu falle a El-rei pessoalmente, que lhe pergunte... que me desengane. (*a um camarista que entra*) Preciso fallar a El-rei, sr. conde, já...

CAMARISTA.

S. M. não está visivel para ninguem.

CAMÕES.

Para mim...

CAMARISTA (*Com altivez*).

Para ninguem, sr. corregedor, para ninguem.

CAMÕES.

Diga-lhe, diga-lhe, por Deus...

CAMARISTA.

Não posso dizer-lhe nada agora; é contra a etiqueta.

CAMÕES.

Maldita etiqueta, malditos usos da côrte! — Estes homens não teem alma, não veem, não sentem... Minha Clara, minha rica sobrinha! Que me importam as ordens do ministro? Vou ao palacio d'Alcantara; lá hei de encontrar El-rei. (*sáe*)

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO TERCEIRO.

Uma sala do palacio do marquez de Cazellas, com portas ao fundo, e aos lados. É noite, ha luzes em cima das mesas.

SCENA I.

D. MARIA (*Vestida á côrte, com uma mascara na mão*) *e* UM CRIADO.

D. MARIA (*Fechando uma carta*).

Leva esta carta já, já ao capellão, e espera pela resposta.

CRIADO.

E se elle não estiver, que manda v. ex. que eu faça?

D. MARIA.

Ha de estar. Dize-lhe que é cá muito preciso antes das dez horas... que lhe peço eu que venha immediatamente... que venha.

CRIADO.

Sim, minha senhora.

D. MARIA.

E em elle chegando vem-m'o dizer logo. — Olha, dize que accendam as luzes da capella, que tenham tudo arranjado.

CRIADO.

V. ex. não quer mais nada?

D. MARIA.

Não. Vai-te.

CRIADO (*Saindo, áparte*).

Que comedia será esta?

SCENA II.

D. MARIA *e o* MARQUEZ *(de mascara)*.

MARQUEZ.

Maria!

D. MARIA.

Estás impaciente? São apenas nove horas e um quarto!

MARQUEZ.

Estou afflicto; sinto-me esfriar todo, como um cadaver!

D. MARIA.

É de alegria?

MARQUEZ.

De alegria! Senão fosse esta promessa, senão fosse a minha honra! levá-la-hia para longe desta casa, fugiria com ella!...

D. MARIA.

Não a queres na nossa casa, a tua Clara?

MARQUEZ.

É a esta casa que elle vem; El-rei não tardará aqui.

D. MARIA.

Que tem isso?

MARQUEZ.

Que tem? Pois tu perguntas-me que tem isso? Não sabes que elle ama-a, que é o rei, e que eu...

D. MARIA.

Tu, esqueceste já as minhas promessas.

MARQUEZ.

Que podes tu fazer minha boa Maria?

D. MARIA.

Fazer-te feliz, salvar a minha amiga do coração.

MARQUEZ.

E os meus juramentos?

D. MARIA.

Os teus juramentos, has de cumpli-los.

MARQUEZ.

Então?

D. MARIA.

Tu juraste não lhe fallar, não tirar essa mascara diante della; prometteste traze-la para aqui, e esperar por El-rei...

MARQUEZ.

Foi isso que prometti...

D. MARIA.

Mas não déste a tua palavra que lhe não havias de tocar?

MARQUEZ.

Não: nem era possivel. Se foi... — ai que dôce, que, que amarga lembrança esta! Se foi nestes braços que eu a trouxe, se eu senti o seu coração palpitar contra este meu, se a minha respiração se confundio com a della!

D. MARIA.

Lembras-te tambem do que me juraste a mim?

MARQUEZ.

Jurei fazer quanto dissesses.

D. MARIA.

Tudo.

MARQUEZ.

Tudo, menos ser traidor á minha honra.

D. MARIA.

Para salvar Clara, recusar-te-hias a algum sacrificio, recuarias diante de um perigo?

MARQUEZ.

Até traidor, talvez mesmo fosse traidor, se me não restasse ainda a esperança.

D. MARIA.

Posso contar comtigo?

MARQUEZ.

Podes, podes. — Clara... dize-me Maria, onde está ella?

D. MARIA (*Apontando para a direita*).

Só, naquelle quarto. Vinha pallida, tremula, quasi desmaiada; fi-la deitar sobre um sofá e adormeceu.

MARQUEZ.

Pobre innocente! Já te conheceu?

D. MARIA.

Não. Esta mascara, o estado de agitação em que ella estava, tudo contribuiu para que me não conhecesse.

MARQUEZ.

E não nos dizes o teu segredo? Deixa-la assim, afflicta, na incerteza?

D. MARIA.

Logo; já tardou mais.

MARQUEZ.

Minha irmã tu és boa, és um anjo. Mas na verdade não sei se fiz bem em me confiar tanto em ti.

D. MARIA.

Porque, sr. marquez de Cazellas?

MARQUEZ.

Inexperiente, pouco conhecedora das causas do mundo como tu és.

D. MARIA.

Assim mesmo hei de dar uma lição a um rei, e a todos os seus conselheiros amorosos.

MARQUEZ.

Deus queira! Confiei-me em ti, porque me não sentia já com forças de pensar, de me dirigir a mim proprio.

D. MARIA.

Muito obrigada, sr. marquez. Mas vamo-nos, sinto passos, é Clara que accordou: não é ainda tempo de tu lhe appareceres. (*vão-se*).

SCENA III.

D. CLARA (*Só*).

Que noite esta meu Deus! Ai, quem me déra estar agora no meu pobre convento ao pé de Maria! E eu que desejei ser furtada! Não sabia que era tão máu, que se ficava assim só tanto tempo. — Quem será elle? Nem uma palavra me disse, nem me deixou vêr-lhe a cara; tremia todo, tremia mais do que eu. — Estou perdida! Tremia... eram remorsos que o atormentavam. Estarei nas mãos de algum salteador, de algum magico? É verdade que ainda não vi prodigios, nem bruxarias; mas aquella mulher que estava aqui quando cheguei, tão mysteriosa! A Virgem Nossa Senhora me acuda e me tire deste perigo em que estou! Ahi vem ella. Jesus! Que virá dizer-me!

SCENA IV.

D. MARIA, *e* D. CLARA.

D. MARIA (*Mascarada*).

Que tem menina? Já está mais socegada?

D. CLARA.

Tenha dó de mim, senhora. Sou uma pobre rapariga que nunca fiz mal a ninguem! Diga-me onde estou, o que me querem...

D. MARIA.

Está n'um palacio encantado, e queremna casar com um principe.

D. CLARA.

Não zombe de mim senhora, diga-me a verdade. Quem é aquelle homem que foi arrancar-me do socego do convento, e que tinha uns olhos...

D. MARIA.

Ferozes?

D. CLARA.

Não. Mas que faziam... que eu sentia no coração...

D. MARIA.

Frios.

D. CLARA.

Não; ardentes.

D. MARIA.

E tratou-a muito mal esse barbaro?

D. CLARA.

Pelo contrario, tratou-me com muito carinho, mas tremia tanto, como se fosse um malfeitor.

D. MARIA.

Tremia? Pobre rapaz!

D. CLARA (*Com vivacidade*).

É um rapaz?

D. MARIA.

E que a ama!...

D. CLARA.

Pois o amor faz tremer?

D. MARIA.

Não o sabe?

D. CLARA.

Eu?

D. MARIA.

Pois nunca... nunca amou: nunca lhe disseram que a amavam?

D. CLARA.

Não... sim... uma vez...

D. MARIA.

E não tremeu?

*

D. CLARA.

Quem não havia de tremer, de noite ao pé da egreja, tendo chamado pelas almas do outro mundo...

D. MARIA.

Chamado pelas almas do outro mundo? Credo! e alguma alma disse-lhe que a amava?

D. CLARA.

Foi um rapaz, um fidalgo... Para que penso eu nisto agora, que sou tão infeliz!

D. MARIA.

Talvez tenha remedio a sua desventura...

D. CLARA.

É possivel? Ha esperança de abrandar o coração do tyranno?

D. MARIA.

Não lhe disse que o tyranno a amava?

D. CLARA.

Então não poderei voltar para o convento; não me deixará.

D. MARIA.

É provavel que não, mas ha de fazer-lhe tudo mais que lhe pedir.

D. CLARA.

Antes morrer do que ficar com elle.

D. MARIA.

E se fosse...

D. CLARA.

Quem?...

D. MARIA.

O principe do Bom-Destino?

D. CLARA.

Jesus! não teem dó de mim, riem-se dos meus tormentos!

D. MARIA (*Pegando-lhe na mão*).

Não, não rio de ti...

D. CLARA.

Quem é... quem é, senhora?... essa voz...

D. MARIA.

Sou... não sou ninguem... não sou ninguem agora.

D. CLARA.

Parecia-me conhecer-lhe a voz... lembrou-me... mas não póde ser. Oh! Maria se tu soubesses o que está padecendo a esta hora a tua amiga!

D. MARIA.

Não se afflija, não se consumma, que a não posso vêr assim...

D. CLARA.

Se eu podesse ao menos fallar a esse... que me tem prêsa; se lhe podesse pedir.

D. MARIA.

Eu vou chama-lo...

D. CLARA.

Mas não me responderá. Ouvir-me-ha com aquelle silencio que mata.—Vim todo o caminho a pedir-lhe que tivesse piedade de mim...

D. MARIA.

E elle?

D. CLARA.

Nem me respondeu. Apenas me apertou a mão com tanta força que me fez mal.

D. MARIA (*Aparte*).

Pobre irmão!

D. CLARA.

Que lhe hei de eu dizer para o abrandar? Se elle ao menos tirasse a mascara, poder-lhe-hia lêr no rôsto os sentimentos do coração...

D. MARIA.

Promette-me responder com verdade ao que lhe vou perguntar?

D. CLARA.

Prometto. Hei de dizer-lhe a verdade.

D. MARIA.

Diga-me se ama alguem, se sente alguma inclinação...

D. CLARA.

Não... não sei...

D. MARIA.

A verdade...

D. CLARA.

Parece-me que sim...

D. MARIA.

Então está salva.

D. CLARA.

Como?

D. MARIA.

Diga isso mesmo ao seu tyranno, conte-lhe a historia desse amor.

D. CLARA.

Isso não posso, não tenho eu força para fazer. Dizer a um homem...

D. MARIA.

Elle não tira a mascara.

D. CLARA.

Assim mesmo...

D. MARIA.

Não diz uma palavra.

D. CLARA.

Mesmo assim...

D. MARIA.

Não ha outro meio de se salvar. Só quando elle souber que o seu coração está dado já, é que perderá a esperança de se fazer amar.

D. CLARA.

Que sacrificio!

D. MARIA.

Vou busca-lo. (*sáe*).

SCENA V.

D. CLARA (*Só*).

Como hei de eu dizer isto? Se a minha

Maria estivesse aqui para me aconselhar! Dizer a este homem, que não conheço, que nunca vi, o que não ousei confessar-lhe a elle! Não posso. Depois, quem sabe se lhe vou mentir; quem sabe se isto é amor? Talvez que seja amisade o que lhe eu tenho. Eu tambem quero muito a Maria, e não lhe tenho amor de certo, é amisade só. Ha differença... ha. E eu a pensar nestas coisas, aqui, á beira de um precipicio. (*chorando*) Que desgraça esta minha. Só, entre gente que nunca vi. (*soluça*) Não ha remedio; é preciso ter animo como Maria tem; (*com resolução*) vou-lhe dizer, vou persuadir a este máu homem que estou apaixonada, muito apaixonada por... por elle. Hei de atormenta-lo assim, hei de vingar-me muito bem vingada.

SCENA VI.

D. MARIA, D. CLARA. *e o* MARQUEZ *(Mascarado).*

D. MARIA.

Um homem, um infeliz que a adora,

vem pedir-lhe de joelhos, senhora, que lhe perdôe o crime a que o arrastou uma cega paixão. (*O Marquez ajoelha*).

D. CLARA (*Ao Marquez*).

Não me offenda mais, senhor, tenha dó de mim...

D. MARIA.

Não é o escravo que tem dó do seu senhor, não é a victima que se commove pelas desgraças do que a sacrifica. Este mancebo é o escravo dos seus encantos, é a victima desses olho negros. (*Aparte ao Marquez*) Vou bem meu irmão?

MARQUEZ (*Aparte*).

Se eu lhe podesse fallar!...

D. CLARA.

Para que me tirou do convento onde eu estava socegada e feliz? Que quer de mim? Responda-me, diga-me uma palavra... (*o Marquez levanta-se*).

D. MARIA.

Um juramento inviolavel se oppõe a que elle possa fallar; mas eu sou a interprete fiel dos seus sentimentos. O que este desditoso lhe pede, senhora, é o seu amor, porque não póde sem elle supportar mais tempo a existencia.

D. CLARA.

O meu amor! O meu amor não é para um monstro, que os remorsos fazem tremer; que nem ousa descobrir o rôsto diante da sua victima.

D. MARIA (*Áparte*).

É assim mesmo; tire-lhe toda a esperança. (*alto*) Não é um amor que deshonra, o que este fidalgo lhe offerece, é um amor nobre e puro.

D. CLARA.

Um amor que se esconde nas trevas, que cobre o rôsto de vergonha: um amor mudo.

D. MARIA (*Pegando na mão do Marquez*).

É a mão de um homem leal esta; quer acceita-la?

D. CLARA.

Não.

D. MARIA.

Que sacrificios podem abrandar tanta duresa de coração?

D. CLARA.

Nenhum. Este coração está dado, é de outro já (*O Marquez faz um gesto de afflicção*).

D. MARIA.

Quem é o feliz mortal?

D. CLARA.

Que lhes importa? É um homem que me captivou com o seu amor respeitoso, com a delicadesa dos seus sentimentos...

MARQUEZ (*a D. Maria, baixo*).

Quem é? Vê se sabes quem elle é, minha irmã?

D. MARIA.

Não nos quer dizer o nome desse amante perfeito?

D. CLARA.

Não posso... não sei...

D. MARIA.

Não lhe sabe o nome?

D. CLARA.

Não.

D. MARIA.

Maria não lh'o disse ainda?

D. CLARA.

Maria!!

D. MARIA.

Naquella noite medonha, quando se in-

vocaram as almas do outro mundo, e que elle veio, não lhe disse quem era?

D. CLARA.

Explique-se... diga-me...

D. MARIA.

Não disse; porque em vez de o escutar, de esperar que elle lhe revelasse os segredos da sua alma, fugiu, e deixou Maria só com elle.

D. CLARA.

Que é isto? Quem lhe contou...

D. MARIA.

Confessa que deu o coração a esse homem, que não conhece?

D. CLARA.

Foi, foi a elle (*o Marquez vae para fallar*).

D. MARIA (*Ao Marquez, baixo*).

E o juramento!. (*alto*) É elle que está agora aos seus pés, é elle que lhe offerece o seu nome, e a sua mão.

D. CLARA.

Não póde ser, se fosse elle ter-me-hia fallado já.

D. MARIA.

Um juramento...

D. CLARA (*Com dôr*).

Querem enganar-me!...

D. MARIA (*Abraçando-a e tirando a mascara*).

Eu enganar-te, Clara! Eu, a tua Maria?!...

D. CLARA.

Tu aqui? Assim desfarçada... de mascara...

D. MARIA.

Dir-te-hei mais tarde o meu segredo.

D. CLARA.

E elle, quem é?

D. MARIA.

Meu irmão o marquez de Cazellas.

D. CLARA (*Com muita alegria*).

Teu irmão, minha Maria!

D. MARIA.

Não percamos tempo. Dá-lhe a tua mão, e vem comigo.

D. CLARA.

Mas...

D. MARIA (*Apontando para o relogio*).

São nove horas e tres quartos, alguns

minutos de demora podem perder-nos a todos.—Vamos.

D. CLARA (*Dando a mão ao Marquez*).

E eu que a não conheci!

CRIADO (*Da porta*).

O capellão espera por v. ex.

D. MARIA.

Já vamos. (*sáem*)

SCENA VII.

D. JOÃO V (*Embuçado n'uma capa*) *e* UM CRIADO.

D. JOÃO V.

O sr. marquez está aqui?

CRIADO.

Sim, senhor: ordenou-me que o chamasse, quando viesse... v. ex.

D. JOÃO V.

Está bem. Dize-lhe que escusa de vir elle; que eu espero a pessoa que elle sabe para lhe fallar só.

CRIADO.

V. ex. não manda mais nada?

D. JOÃO V.

Não. Vae depressa (*o criada sáe*).

SCENA VIII.

D. JOÃO V (*Só*).

Chegou finalmente o instante desejado, suspirado á tanto tempo. É a hora mais

feliz da minha vida, é a minha primeira victoria amorosa. Até aqui tem vencido a corôa, desta vez venci eu. — Esta é innocente, é candida e simples; namorou-se do mancebo, e não do rei de sceptro de ouro. Tenho quasi remorsos, quasi que tenho pena do que vou fazer. Vou torna-la talvez infeliz, roubar-lhe a paz do coração, e a pureza da alma. Mas se ella me ama, e ama-me de certo, perdoar-me-ha tudo, julgar-se-ha ditosa consolando-me desta amarga, desta triste vida de rei que levo. Que mulher nos meus reinos não lhe invejará a sórte, quando ella fôr mais rainha deste coração, do que eu sou rei de Portugal?! (*rindo*) Estou namorado... agora é que eu vejo que estou namorado devéras. Podem muito uns olhos bonitos! — E o Camões, que nunca me tinha fallado desta sobrinha, deste precioso diamente! Estava callado com elle, guardava-o talvez para si. Perdeu, sr. Camões; perdeu desta vez a partida. Como eu hei de rir da cara delle, que triste cara ha de ser! Ahi vem a minha Galatéa, vou fallar-lhe como um Polyphemo namorado.

SCENA IX.

D. JOÃO V, *e* D. MARIA *(Vestida como no primeiro acto, e coberta com um véu branco).*

D. JOÃO V.

Faltam nas linguas dos homens palavras...

D. MARIA (*Como tomada de sobresalto*).

Ai!

D. JOÃO V.

Que susto póde causar ao astro radiante o mortal que de longe o adora?

D. MARIA.

Que diz, senhor, que quer de mim?

D. JOÃO V.

Expressar os sentidos affectos da minha alma, pintar com as palavras o fogo que me arde no peito, dizer com os olhos o

amor que sente o coração, alcançar pelo respeito das adorações ao menos o direito de pensar em vós, encantadora menina, é só o que eu desejo, o que ambiciono na terra.

D. MARIA.

E foi para dizerem isto que me tiraram do convento, que me separaram das pessoas que eu amava? Nunca pensei que no mundo havia homens tão barbaros; homens capazes de sacrificarem uma fraca mulher aos seus caprichos.

D. JOÃO V.

A paixão póde ás vezes cegar-nos, levar-nos a commetter uma irreverencia, mas nunca a offender a delicadeza daquella que adoramos.

D. MARIA.

E julga, senhor, que não offendeu a minha delicadeza, tirando-me violentamente do recolhimento em que meu... em que os meus parentes me tinham mettido? Que

hão de pensar de mim agora? Como hei de justificar-me?

D. JOÃO V.

Pelo amor é que se justifica tudo. O seu coração não sentiu já o irresistivel poder do amor?

D. MARIA.

Essa pergunta...

D. JOÃO V.

Não precisaria resposta, se os raios puros desses olhos não estivessem cobertos por uma nuvem cruel, que se não quer dissipar.

D. MARIA.

Não posso entender...

D. JOÃO V.

Se as supplicas de um infeliz commovessem um peito duro, então eu ousaria pe-

dir-lhe, formosa Clara, que matasse de inveja a propria Venus, descubrindo um instante ao menos o rôsto divino. (*tocando-lhe no véu*).

D. MARIA.

Pôr a mão no véu de uma mulher! Um fidalgo não ousaria fazer tal.

D. JOÃO V.

Não ha em Portugal sangue mais illustre do que o meu.

D. MARIA.

Se El-rei soubesse, que um fidalgo da sua côrte offendeu assim uma mulher, nunca mais lhe deixaria crusar as portas do paço.

D. JOÃO V (*Com fingida indifferença*).

Pensa, senhora, que D. João V trataria com tanto rigor o fidalgo que a offendesse?

D. MARIA.

El-rei tem uma alma nobre, um coração generoso; não consentiria, se o soubesse, que no seu reino se ultrajasse uma orfã, a sobrinha de um seu vassallo fiel.

D. JOÃO V.

Mas se El-rei estivesse, como eu, apaixonado, se julgasse como eu julguei que era correspondido, talvez commettesse o mesmo êrro que eu cemmetti.

D. MARIA.

Se D. João V estivesse no seu logar, senhor, não havia de persuadir-se que era amado sem o ser. S. M. tem muito juizo para se illudir assim, de um modo... tão innocente.

D. JOÃO V.

Se elle tivesse passado uma tarde, como eu, por diante do terrasso de um convento, e visse essa adorada formosura debruçar-se

para o vêr passar; se tivesse outro dia estado como eu, na egreja, e encontrasse, ao olhar para o côro, os seus olhos negros fallando de amor; se elle soubesse a historia do principe do Bom-Destino, então...

D. MARIA.

Então El-rei teria conhecido, que era para outro que se voltavam esses olhos negros; teria percebido, que não era elle o principe do *bom destino.*

D. JOÃO V (*Áparte*).

Ai que ainda desta vez não sou amado! (*alto*) E depois de feita uma tão fatal descuberta, D. João V ter-se-hiá resignado á sua sorte?

D. MARIA.

S. M. faria de certo muito mais, porque tem uma alma magnanima, um coração de rei. Arrependido de ter compromettido, por um capricho, a honra de uma menina innocente, dar-se-hia pressa em remediar o mal antes de elle se tornar incuravel.

D. JOÃO V.

O mal já não tem remedio agora. No convento é conhecida a esta hora a fuga; porque lá hão de julgar que foi uma fuga, e não um rapto; é conhecida a fuga, repito, da pensionista D. Clara de Noronha.

D. MARIA.

El-rei saberia emendar o seu êrro, esteja certo disso, senhor. S. M. é dotado de muita perspicacia para não ter percebido claramente, se estivesse no seu logar, se tivesse ouvido esta nossa conversação, que o coração da pensionista D. Clara de Noronha já está dado a outro.

D. JOÃO V (*Colerico*).

Se D. João V soubesse o nome desse rival preferido, se o conhecesse, te-lo-hia...

D. MARIA.

Te-lo-hia feito feliz; porque D. João V

é rei antes de ser homem, e não póde faltar á justiça.

D. JOÃO V (*Caindo em si*).

Tem rasão, senhora; tem rasão. El-rei faria justiça.

D. MARIA.

E para isso chamaria esse rival odioso, contar-lhe-hia o seu engano, a sua illusão desculpavel e natural, porque o amor, ao que dizem, illude muito, e depois...

D. JOÃO V.

Depois?

D. MARIA.

Para salvar a honra compromettida da innocente menina, para lhe compensar os grandes medos que ella teve, vendo-se furtada por um desconhecido do convento, onde passou os primeiros annos da vida, D. João V uniria os dois amantes, santificaria o seu amor pela religião.

D. JOÃO V (*Rindo*).

É uma bem traçada comedia, que finalisa pelo triumpho da virtude.

D. MARIA.

É assim que devem finalisar as comedias, em que os reis tomam parte, senão...

D. JOÃO V.

Senão...

D. MARIA.

Os reis perderiam o seu privilegio mais valioso, o de fazerem ditosos os seus vassallos.

D. JOÃO V.

Pois esta em que nós temos representado, senhora, ha de acabar tãobem, como deseja que terminem aquellas em que entram reis.

D. MARIA.

Promette?

D. JOÃO V.

Juro.

SCENA X.

OS MESMOS, *e o* CAMÕES.

CAMÕES.

Senhor, V. Magestade...

D. JOÃO V.

Oh! Camões! Quem te deu licença para entrares nesta casa onde eu estou? Quem te chamou aqui, Camões?

CAMÕES.

Como vassallo e criado fiel de V. M. eu não devia vir...

D. JOÃO V (*Irritado*).

Pois se o sr. Camões não devia vir, porque veio?

CAMÕES.

Porque, além de vassallo do meu rei, sou

homem tambem. Devo guardar a honra da minha familia...

D. JOÃO V.

E quem lhe offende a honra da sua familia?...

CAMÕES.

Não sei se ouse dizer...

D. JOÃO V.

Ouse, ouse tudo. Vamos, continue...

CAMÕES.

Esta menina...

D. JOÃO V.

É uma menina que eu estimo, que eu amo devéras.

CAMÕES.

Ah! V. M. ama-a! É isso mesmo que

eu temia. — Senhor tenha dó desta innocente, desta pobre orfã; não a ame...

D. JOÃO V.

Pois o meu amor é peçonhento, faz mal?

CAMÕES.

Á sua honra.

D. JOÃO V.

Desde quando é que o sr. Camões anda feito campeão da honra feminina? Elle, que tantas vezes me tem aconselhado, me tem ajudado a...

CAMÕES.

Esta é minha sobrinha, e V. M...

D. JOÃO V (*Severo*).

E as outras não são tambem sobrinhas, não tem parentes?

CAMÕES.

Mas...

D. JOÃO V.

Mas essas não interessavam o egoismo do sr. Camões.

CAMÕES.

V. M. desejava, queria...

D. JOÃO V.

Agora tambem eu quero, mas, como se trata de uma sobrinha tua, oppões-te. Se fosse a filha de algum dos meus vassallos, de outro que tivesse arriscado a vida pela patria nas guerras contra Castella, então tu mesmo me ajudarias a furta-la do convento. — Pois tu não me querias ajudar, não estavas prompto a acompanhar-me esta noite, Camões?

CAMÕES.

Queira V. M. perdoar-me, ter dó de mim! É a filha da minha pobre irmã que morreu, que tanto m'a recommendou até ao ultimo momento. Não me faça desgraçado. V. M. tem um bom coração, e sabe que eu o tenho sempre servido com zêlo!..

D. JOÃO V.

De mais ás vezes.

CAMÕES.

V. M. ha de compadecer-se do seu Camões. Vem Clara, vem minha sobrinha, une as tuas ás minhas supplicas, para alcançarmos a compaixão de El-rei.

D. MARIA (*Levantando o véu*).

Não é necessario, sr. Camões; não é preciso pedir. El-rei já deu a sua palavra, jurou que havia de respeitar a honra de Clara.

D. JOÃO V.

A irmã do marquez!

CAMÕES.

Não era minha sobrinha! E eu que ousei, que vim fallar assim a S. M...

*

D. JOÃO V.

Foi um engano, senhora, que não sei, que não posso explicar, a causa unica desta aventura; permitta-me que lhe chame engraçada. Tenho ao menos a certeza de que seu irmão a furtou com carinho, com delicadeza...

D. MARIA.

E que cumpriu os seus juramentos.

D. JOÃO V.

Não sei se ao menos tenho direito de pedir perdão do meu... crime. Foi involuntario como vê.

D. MARIA (*Ajoelhando*).

Antes de perdoar, sou eu que devo pedir perdão...

D. JOÃO V.

Como? De que?

D. MARIA.

Espero ao menos que V. M., não negará á Marqueza de Cazellas o que prometteu a... D. Clara de Noronha.

D. JOÃO V.

Não posso comprehender.

D. MARIA.

Permitta-me V. M. que lhe explique este mysterio (*Sáe um instante, e volta trazendo pela mão o Marquez mascarado e D. Clara*).

SCENA XI.

OS MESMOS, *o* MARQUEZ *e* D. CLARA.

D. MARIA.

Comprehende V. M. agora?

D. JOÃO V.

Agora?!..

D. MARIA.

O marquez, meu irmão, cumpriu os seus juramentos. Não deu ainda uma palavra, não tirou ainda a mascara, diante de sua mulher. — Fará V. M. tambem o que me prometteu a mim?

D. JOÃO V.

O rei não fará menos do que fez um marquez.

D. MARIA.

Então, é uma crueldade deixar por mais tempo a noiva privada de vêr o rosto do que lhe captivou o coração.

D. JOÃO V.

Marquez, estás desligado dos teus juramentos.

MARQUEZ (*Tirando a mascara*).

E perdoado?

D. JOÃO V.

Um amigo perdôa, esquece tudo. (*O Marquez e D. Clara beijam-lhe a mão*) E tu Camões não te alegras com o casamento de tua sobrinha?

CAMÕES.

A felicidade de minha sobrinha, devo-a eu tambem a V. M.

D. JOÃO V (*Rindo*).

Resta saber agora quem foi o autor de tão terrivel conspiração, deste crime de lesa magestade.

D. MARIA.

Eu, senhor.

D. JOÃO V.

A innocencia foi desta vez mais forte do que a malicia

D. MARIA.

V. M. sabe que as Comedias, e os contos tambem, acabam sempre em casamento.

FIM.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9261
A687C6

Andrade Corvo, João de
Um conto ao serao

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 08 05 09 018 3